

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Isabella Silveira Dias

**O PAPEL DAS AGÊNCIAS MISSIONÁRIAS NA MISSÃO DA IGREJA LOCAL
A CONTRIBUIÇÃO DA APMT NA AÇÃO MISSIONÁRIA DA IPB**

São Paulo

2024

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Isabella Silveira Dias

**O PAPEL DAS AGÊNCIAS MISSIONÁRIAS NA MISSÃO DA IGREJA LOCAL
A CONTRIBUIÇÃO DA APMT NA AÇÃO MISSIONÁRIA DA IPB**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Pastorais. Orientador Professor Dr. Chun Kwang Chung, *Ph.D.*

São Paulo
2024

D541p Dias, Isabella Silveira.
O papel das agências missionárias na missão da igreja local
[recurso eletrônico] : a contribuição da APMT na ação missionária
da IPB / Isabella Silveira Dias.
639 KB.

Monografia (M.DIV - Magister Divinitatis) - Centro Presbiteriano
de Pós-Graduação Andrew Jumper, São Paulo, 2024.
Orientador: Prof. Dr. Chun Kwang Chung.
Referências bibliográficas: f. 62-64.

1. Organizações paraeclesiais. 2. Agências missionárias.
3. Missão da Igreja. I. Chung, Chun Kwang, *orientador*. II. Título.

LC BV601.8

Isabella Silveira Dias

**O PAPEL DAS AGÊNCIAS MISSIONÁRIAS NA MISSÃO DA IGREJA LOCAL
A CONTRIBUIÇÃO DA APMT NA AÇÃO MISSIONÁRIA DA IPB**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis*, (*MDiv*) na área de Estudos Pastorais. Orientador Professor Dr. Chun Kwang Chung, *Ph.D.*

Aprovação 07/06/2024

Orientador: Professor: Dr. Chun Kwang Chung, *Ph.D.*

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: **Isabella Silveira Dias**

Programa: **Mdiv em Estudos Pastorais com ênfases em Missões**

Título do Trabalho: **O PAPEL DAS AGÊNCIAS MISSIONÁRIAS NA MISSÃO DA IGREJA LOCAL - A CONTRIBUIÇÃO DA APMT NA AÇÃO MISSIONÁRIA DA IPB**

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

AGRADECIMENTOS

Ao Deus da Missão, sejam eternamente dadas toda honra e glória. Ao que nos salva, nos chama, nos capacita e nos envia, para que todos os povos, línguas e nações glorifiquem Seu santo nome.

Ao meu amado esposo, Victor, cujo suporte e incentivos diários permitiram que este trabalho se concretizasse. Sem suas orações e apoio, certamente eu não teria concluído este mestrado. Sua dedicação a Deus, à nossa família e à Igreja são para mim exemplos de como realizar a obra do Senhor com excelência.

Aos meus queridos pais, Rev. Carlos e Amarílis, que desde cedo me ensinaram a amar a Deus acima de tudo e a servir na obra do Senhor com esmero e dedicação. O legado que vocês têm construído ao longo dos anos de ministério é minha inspiração constante no trabalho missionário. Sou eternamente grata a Deus pelo privilégio de tê-los como exemplos!

Aos familiares e amigos queridos que, com orações e intercessões, me auxiliaram na produção deste trabalho. Àqueles que estiveram presentes com palavras de encorajamento quando mais precisei, e aos que colaboraram nas reflexões e na revisão textual. De modo especial, agradeço à minha irmã Débora, à minha prima Marina e à minha colega de mestrado e amiga, Luisa. Meu mais sincero obrigado.

À Agência Presbiteriana de Missões Transculturais (APMT), pela oportunidade de crescer e amadurecer meu chamado missionário. Agradeço por confiar a mim o espaço para exercer meus dons e talentos no campo missionário. Os anos em que servi na base da agência não apenas incentivaram meu estudo sobre missões, mas também moldaram meu ministério. Sou grata a Deus por tantos missionários e missionárias que, com suas vidas e testemunhos, me inspiraram a servir ao Senhor da Missão.

À London City Mission, organização missionária que tem me permitido colocar em prática todo o treinamento missionário que recebi. Louvo a Deus que, por 200 anos, tem mantido essa agência fiel às Escrituras, dedicada a apoiar igrejas na urgente tarefa da obra missionária e diligente em compartilhar o Evangelho entre os grupos não alcançados na cidade de Londres. Que privilégio tem sido servir ao Senhor em Sua seara.

RESUMO

Diante da complexidade da evangelização mundial, surgem questionamentos sobre o papel das agências missionárias e das igrejas locais na execução da Grande Comissão. Enquanto alguns defendem a atuação independente das agências, outros enfatizam o papel exclusivo da igreja na obra missionária. Observa-se uma relação de colaboração e tensão entre esses agentes ao longo da história. Tanto a igreja quanto as organizações possuem estruturas e funções distintas, sendo crucial que cada agente permaneça fiel às suas características originais para desempenhar suas atividades com eficácia, especialmente no contexto da obra missionária. Destaca-se a importância da colaboração entre igreja e agência para potencializar os esforços na propagação do Evangelho. Nesse contexto, destaca-se o impacto da Agência Presbiteriana de Missões Transculturais (APMT) no movimento missionário da Igreja Presbiteriana do Brasil. Tendo como metodologia uma pesquisa bibliográfica referente à missão da igreja e do papel das organizações paraeclesiais, este trabalho busca esclarecer essas questões, destacando a importância e utilidade das agências missionárias no apoio à igreja local na execução da missão, enquanto reafirma que a igreja é o agente instituído por Deus para cumprir a tarefa missionária.

Palavras-chave: Organizações Paraeclesiais; Agências Missionárias; Missão da Igreja.

ABSTRACT

Given the complexity of global evangelization, questions arise regarding the roles of missionary agencies and local churches in fulfilling the Great Commission. While some advocate for agencies to act independently, others emphasize the exclusive role of the church in missionary endeavors. Throughout history, a dynamic of both collaboration and tension between these institutions has been evident. Both the church and mission agencies possess distinct structures and functions; therefore, it is crucial for each to remain faithful to their unique characteristics to perform their duties effectively, especially in missionary contexts. It is essential for the local church and mission agencies to partner together in propagating the Gospel worldwide. On this subject, the impact of the Presbyterian Cross-Cultural Missions Agency (APMT) on the missionary movement within the Presbyterian Church of Brazil is noteworthy. Through bibliographic research on the Mission of the Church and Parachurch Organizations, this study aims to elucidate these matters, highlighting the importance and usefulness of missionary agencies in supporting the local church's mission while reaffirming the church's divine mandate to fulfill the missionary task.

Keywords: Parachurch Organizations; Mission Agency; Mission of the Church.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| 1. AS ORGANIZAÇÕES PARAECLISIÁSTICAS: DEFINIÇÃO E FUNÇÃO | 13 |
| 1.1 Relacionamento entre Igreja e Organizações paraeclesiais | 15 |
| 2. AS AGÊNCIAS MISSIONÁRIAS | 21 |
| 2.1 Movimento missionário precursores das sociedades missionárias | 22 |
| 2.2 A Relevância histórica das Agências Missionárias | 26 |
| 2.3 Legitimidade das Agências Missionárias | 32 |
| 3. A IGREJA: DEFINIÇÃO E MARCAS..... | 41 |
| 3.1 A Missão da Igreja: tarefa de discipulado de Povos | 44 |
| 3.2 O cristão: missão e chamado | 48 |
| 4. IMPACTO DA APMT NO MOVIMENTO MISSIONÁRIO DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL | 53 |
| 4.1 Atuação da APMT | 55 |
| 4.2 Planejamento Estratégico Global da APMT (2023-2033) | 56 |
| CONCLUSÃO..... | 60 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 62 |

INTRODUÇÃO

Diante da complexidade do cenário atual de evangelização mundial, é válido questionar a relevância das agências missionárias e a responsabilidade das igrejas locais nessa tarefa. A maneira como a igreja compreende sua missão tem um impacto direto em sua ação e envolvimento com a obra missionária. De igual modo, a forma como as agências missionárias estabelecem sua visão, missão e estratégia pode direta e indiretamente apoiar ou suplantar a natureza do chamado da igreja, que desde sua origem, é uma igreja missionária.

Quando o assunto é a responsabilidade pelo avanço global do Evangelho, algumas perguntas surgem à tona: de quem é a tarefa pelo discipulado de povos de todas as nações, visando reuni-los em igrejas? Esse é um dever que todo indivíduo deve-se responsabilizar ou precisa ser liderado pela Igreja Instituição? Ou a quem recai o compromisso pelo treinamento, envio, sustento e manutenção do missionário no campo para que a obra transcultural seja realizada? As respostas a essas perguntas podem variar entre “cristãos, igreja, missionário e agência”. Entretanto, o papel que cada agente desempenha em prol do avanço missionário nem sempre é tão claro e definido, ocasionando um caminhar lento na urgente tarefa de expansão do Evangelho entre todas as nações.

J. H. Bavinck ressalta que a Igreja é o principal meio pelo qual a obra missionária deve ser realizada, e quando esta não cumpre seu papel, deve se reformar a fim de manter seu propósito original missionário. O autor afirma que:

a difícil responsabilidade das missões deve recair sobre a igreja. Sempre que uma igreja se degenera a ponto de não poder mais servir como órgão do amor redentor de Cristo, a tarefa das missões não deve ser assumida por um grupo de membros da igreja. Antes disso, a própria igreja deveria ser reformada para que pudesse retomar seu propósito original.¹

O historiador e missiólogo Patrick Johnstone, ao defender a atuação das agências missionárias em prol da tarefa da Grande Comissão, argumenta que as sociedades missionárias desempenharam um papel crucial no avanço do Cristianismo. Ele sustenta que essas sociedades foram fundamentais para o despertar missionário da igreja protestante, que, segundo ele, apresentou certo atraso em investidas missionárias entre outros povos e nações. Quanto à legitimidade bíblica e relevância histórica das agências missionárias, Johnstone faz a seguinte reflexão:

Hoje em dia, muitas pessoas argumentam que são as igrejas locais que devem enviar missionários e que as agências missionárias deveriam ser dispensadas como não

¹ BAVINCK, J. H. *An Introduction to the Science of Missions*. New Jersey: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1960, p. 61. “Minha tradução”.

bíblicas. A História e as Escrituras indicam o contrário. Algumas igrejas missionárias estariam se desviando quanto a isso?²

Na história da expansão do Cristianismo, observa-se que tanto a Igreja quanto as organizações missionárias assumiram a iniciativa da obra missionária. A partir do século XVIII, houve um grande movimento missionário com o surgimento das sociedades missionárias, que desempenharam um papel significativo nesse despertar. Em diversos momentos, os esforços missionários foram realizados em parceria entre a igreja ou a denominação, juntamente com as sociedades, enquanto em outros períodos, um dos agentes demonstrou maior eficácia em relação ao outro. Essa dinâmica resultou em uma tensão contínua entre a Igreja e as organizações paraeclesiais.

O debate sobre a interação existente entre a igreja local e as organizações paraeclesiais se concentra na dúvida se a atuação dessas últimas suplanta e ganha maior relevância do que a ação da primeira. Há uma discussão sobre se as agências devem permanecer como colaboradoras no trabalho missionário realizado pela igreja local ou se possuem legitimidade bíblica e histórica para atuar de forma independente da estrutura eclesial, seja em parceria com igrejas ou não, utilizando sua expertise e estratégias para alcançar áreas e grupos ainda não evangelizados.

No entanto, na busca pelo cumprimento da Grande Comissão, é possível observar hoje algumas lacunas quanto à responsabilidade para com a obra missionária, bem como uma dicotomia na relação entre as igrejas locais e as agências missionárias, mesmo diante da urgente e ainda não concluída tarefa de expandir o Evangelho entre todas as nações.

Em vista dos desafios da evangelização mundial e da tarefa ainda inacabada da missão há um chamado para a sinergia e parceria entre os agentes da missão. No entanto, para que isso aconteça, é crucial que tanto a igreja quanto as agências compreendam suas diferentes estruturas e funções inerentes às suas naturezas. À igreja cabe a iniciativa da obra missionária, enquanto as agências podem oferecer suporte para o cumprimento dessa missão. Ao se unir esforços, a missão pode ser realizada de maneira mais eficaz e estratégica, possibilitando que a igreja envie missionários para regiões carentes do Evangelho, com as agências missionárias desempenhando um papel crucial de apoio nesse empreendimento.

Ao considerar que a tarefa da Grande Comissão foi confiada por Cristo aos apóstolos e, por extensão, à Sua Igreja hoje, conforme descrito nos textos dos evangelhos no Novo Testamento, surge o questionamento quanto à razão de ser e funcionalidade das agências

² JOHNSTONE, Patrick. *O futuro da Igreja Global*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 55.

missionárias. Ao se afirmar que a responsabilidade missionária é intrínseca à instituição eclesial, qual é a utilidade e a importância das organizações paraeclesiais, especialmente das agências missionárias?

De forma especial, como a Igreja Presbiteriana do Brasil tem cumprido essa tarefa enquanto denominação, por meio de sua autarquia responsável, a APMT - Agência Presbiteriana de Missões Transculturais? Qual o impacto dessa agência missionária denominacional no movimento missionário da IPB? Este trabalho visa esclarecer essas questões, destacando a utilidade das agências missionárias no apoio à igreja local na execução da missão, enquanto reafirma que a igreja é o agente instituído por Deus para cumprir a tarefa missionária.

Para este propósito, o presente estudo adotou uma abordagem metodológica fundamentada em pesquisa bibliográfica. Isso envolveu a revisão da literatura existente, incluindo uma análise histórica do surgimento das sociedades paraeclesiais, bem como uma investigação da literatura bíblica e teológica relevante relacionada à Missão da Igreja e ao papel das agências missionárias. Além disso, como parte da aplicação prática do tema, concentrou-se na análise do trabalho realizado pela Agência Presbiteriana de Missões Transculturais (APMT), uma agência missionária vinculada à Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB). Especificamente, foi examinado o conteúdo do documento intitulado "Planejamento Estratégico Global da APMT (2023-2033)", elaborado para orientar as atividades da agência em resposta aos desafios globais da evangelização.

1. AS ORGANIZAÇÕES PARAECLISIÁSTICAS: DEFINIÇÃO E FUNÇÃO

O termo "paraeclésiástico" deriva do prefixo "*para*", que significa "*ao lado de*", indicando algo que caminha em paralelo à igreja. As organizações paraeclesiásticas podem ser definidas como “qualquer ministério espiritual cuja organização não esteja sob o controle ou autoridade de uma congregação local”.³ Quanto a sua função, pode ser descrita como um ministério ou serviço cristão conduzido por uma organização que opera de forma independente da estrutura da igreja local, mas que contribui para o Reino de Deus servindo à Igreja por meio de algum serviço especializado ou treinamento.

As organizações paraeclesiásticas estão comumente inseridas dentro do movimento evangélico, podendo ser interdenominacionais, ecumenicas, ou associados a alguma denominação específica, podendo atuar de forma local ou regional, bem como ter alcance nacional ou agir em contextos transculturais.⁴

Como uma expressão da diversidade no corpo de Cristo, os grupos paraeclesiásticos podem desempenhar uma variedade de funções no contexto cristão dentro da sociedade. Dentro dessa classificação estão inseridos os seminários teológicos denominacionais e independentes, institutos bíblicos, editoras e publicações, agências missionárias, sociedades tradutoras da Bíblia, instituições atuantes na área da saúde, educação, capelania, ações sociais, entre outros.

O diferencial dessas organizações é se tornar especialista para atuar dentro de um segmento específico, com o objetivo de apoiar a igreja em atividades que esta talvez não seria capaz de se especializar sozinha ou de alcançar determinado grupo de forma eficaz.⁵ As organizações também desempenham o papel de capacitar os cristãos individualmente para atuarem como testemunhas em diversas áreas onde estão inseridos, de forma contextualizada e intencional. Isso é especialmente importante diante da diversidade e complexidade de uma sociedade pluralista, secular e, em muitos casos, pós-cristã onde a igreja tem perdido de certa forma sua influência.⁶ As organizações paraeclesiásticas podem servir como um canal de contato entre a igreja local e grupos menos alcançados, principalmente em contextos transculturais onde outras grandes religiões exercem influência predominante em detrimento do cristianismo, como é o caso das agências missionárias.

³ WHITE, Jerry E. *The Church and the Parachurch: An Uneasy Marriage*. Portland: Multnomah Press, 1983, p.19.

⁴ RESANE, K.T. *The Church and the Parachurch: Can the two dialogue in order to agree?*. In: *Verbum et Ecclesia* 41(1), a.2099, 2020. p.2.

⁵ RESANE, 2020, p.1.

⁶ WHITE, 1983, p, 28.

Embora as organizações paraeclesiásticas sejam expressões da livre manifestação dos dons e talentos do corpo de Cristo, segundo White, essa liberdade não justifica o surgimento indiscriminado e a continuidade de todo e qualquer ministério cristão à parte da estrutura da igreja local. O autor pondera que é essencial avaliar a necessidade e eficácia de cada grupo, bem como refletir sobre o propósito legítimo de contribuir, equipar o corpo de Cristo e fortalecer a Igreja, que é a razão de existir das organizações paraeclesiásticas.⁷

De igual modo, White observa que o critério de avaliação utilizado para compreender o surgimento e funcionamento das organizações também pode ser aplicado à análise do surgimento de inúmeras igrejas locais. Isso pode ocorrer em decorrência de dissidências ou divisões sectárias, divergências teológicas e doutrinárias, ou até mesmo devido à duplicação de esforços na implantação de novas congregações em nome de diferentes denominações ou grupos eclesiais.⁸ Pois, embora a igreja local seja a expressão visível da Igreja Universal e o principal meio pelo qual Deus opera por meio dos crentes, o surgimento de novas igrejas também requer uma avaliação criteriosa de sua eficácia, necessidade, pureza e fidelidade às Escrituras, princípios estes que podem ser delineados pelas marcas visíveis da verdadeira igreja.⁹

Deus, em sua grandiosa graça, age por meio da igreja local. Se pressupomos que o principal meio pelo qual Deus ministra aos crentes e ao mundo é a igreja local, precisamos responder uma difícil questão: qual igreja? (...) Podemos simplesmente afirmar que Deus usará qualquer igreja? (...) Podemos dizer que cada uma delas tem um propósito no plano de Deus?¹⁰

Um ponto crucial na discussão sobre o relacionamento entre as igrejas, organizações paraeclesiásticas e o testemunho cristão na sociedade é a frequente incapacidade dos crentes de cooperarem entre si para alcançar uma compreensão mais ampla do Reino de Deus e uma atuação eficaz da igreja no mundo. Isso é especialmente evidente em atividades que vão além das quatro paredes do templo.¹¹ Resane ressalta que há uma grande necessidade de diálogo entre esses agentes para encontrar um ponto de convergência e avançar o Reino de Deus em um mundo cada vez mais necessitado do Evangelho e da demonstração prática do amor cristão.¹²

⁷ WHITE, 1983, p. 81, 84.

⁸ Ibidem, p. 79.

⁹ As marcas particulares da verdadeira igreja serão abordadas posteriormente, com base na tradição reformada, conforme exposto por Louis Berkhof.

¹⁰ WHITE, 1983, p. 79. “Minha tradução”.

¹¹ Ibidem, p. 79.

¹² RESANE, 2020, p. 3.

1.1 Relacionamento entre Igreja e Organizações paraeclesiais

As organizações paraeclesiais distinguem-se das igrejas locais por sua estrutura especializada e pela formação de parcerias que podem transcender denominações e linhas teológicas, visando um trabalho em comum. Elas podem adotar uma declaração de fé mais abrangente, destacando pontos essenciais da fé cristã e sendo mais tolerantes em relação a doutrinas e tradições, buscando uma abordagem interdenominacional. Caracterizam-se por reunir cristãos de diferentes faixas etárias e gêneros, incluindo jovens, adultos e idosos, que possuem expertise e um compromisso adicional voltado para uma mesma missão e propósito. Essas organizações utilizam-se de diferentes meios e estratégias, a fim de convergir em objetivos e metas comuns, visando uma atuação mais focada e segmentada na sociedade.¹³

A igreja local, por outro lado, é mais ampla em seus ministérios, composta por uma comunidade de fiéis de diversas idades, culturas e gêneros, em que estes podem ou não ter assumido um compromisso sincero ao confessarem a fé em comum com os demais membros. Esses membros se reúnem sob uma estrutura de liderança, interpretação doutrinária, práticas confessionais, adoração, ensino e testemunho. Além disso, a igreja local tem como objetivo integrar aqueles que já fazem parte dela, e também alcançar aqueles que estão fora de seus limites, buscando ensiná-los os princípios do Senhor Jesus e integrá-los por meio do batismo e da comunhão.¹⁴

Embora o termo "paraeclesial" não seja encontrado na Bíblia, Trueman destaca que as organizações paraeclesiais não são antibíblicas no sentido de serem essencialmente erradas. No entanto, enfatiza a necessidade de se fazer uma clara distinção entre a natureza da Igreja e o que a organização paraeclesial se propõe a ser. Enquanto esta última tem como objetivo servir à igreja, devem fazê-lo sem suplantá-la ou transmitir a impressão de serem mais relevantes. Isso ajuda a evitar a crença equivocada de que somente por meio dessas organizações é possível participar ativamente de algo mais significativo e empolgante no mundo.¹⁵

Uma das principais dificuldades existentes no relacionamento entre a igreja local e as organizações paraeclesiais reside em questões doutrinárias, estruturais e de autoridade, questionando a legitimidade e relevância de ministérios que operam fora da estrutura eclesial tradicional. Muitas tensões surgem a partir da falta de clareza das organizações

¹³ WHITE, 1983, p, 25, 84.

¹⁴ Ibidem, p, 73, 84.

¹⁵ TRUEMAN, Carl. *How Parachurch Ministries go off the rails*. 2011. Disponível em: <www.9marks.org/article/journalhow-parachurch-ministries-go-rails/>. Acesso em: 9 mar. 2024.

quanto ao seu papel de apoio à igreja local, e de ter como práxis o entendimento de que, embora sejam manifestações da igreja visível, elas não são de fato a Igreja e não fazem o que a igreja faz.¹⁶

O argumento central contra a legitimidade das organizações paraeclesiais baseia-se na convicção de que a Igreja é o principal meio designado por Deus para a evangelização do mundo. Segundo esse ponto de vista, as organizações paraeclesiais seriam consideradas ilegítimas biblicamente, uma vez que poderiam assumir responsabilidades que pertencem exclusivamente à igreja.¹⁷

Entretanto, Resane levanta a questão de que a legitimidade das organizações paraeclesiais deve ser discutida mais a partir de uma perspectiva histórica do que exclusivamente bíblica, considerando a inegável contribuição de diversas sociedades missionárias, seminários, ministérios de misericórdia e outros, para o avanço do cristianismo ao longo dos séculos. Tais organizações, sobretudo agências e sociedades missionárias, têm sido extremamente benéficas para as igrejas locais. Elas têm se dedicado a alcançar grupos e indivíduos distantes ou marginalizados da sociedade, contribuindo significativamente para a evangelização de comunidades fora do alcance tradicional da igreja. Por meio desses esforços, pessoas, que de outra forma não seriam alcançadas, são integradas e incluídas na comunhão da igreja.¹⁸

O argumento a favor das organizações paraeclesiais é em grande parte histórico, argumentando que, sob a liderança de Deus, elas contribuíram significativamente mais para a evangelização mundial do que a igreja local. Isso é inegável. Por outro lado, o argumento contrário parte das Escrituras e não da história, afirmando que apenas a Igreja pode ser considerada uma criação divina e conclui que idealmente a própria igreja deveria realizar as tarefas especializadas necessárias. Conciliar esses apelos à história e às Escrituras, à realidade e ao ideal, não é uma tarefa fácil.¹⁹

Michael Horton defende os esforços dos grupos paraeclesiais, frequentemente atuando como agregadores e impulsionadores das atividades da igreja local. O autor destaca que a igreja pode se beneficiar consideravelmente dos treinamentos, consultorias e preparação de ministros e obreiros para tarefas específicas, bem como do auxílio em serviços de diaconia e ministérios de misericórdia direcionados a grupos desfavorecidos. Horton enfatiza a importância da colaboração em prol do avanço do reino de Deus. No entanto, ele ressalta que esses grupos devem ocupar uma posição de apoio e suporte à igreja, ao invés de assumir

¹⁶ TRUEMAN, 2011; WHITE, 1983, p, 24

¹⁷ WHITE, 1983, p, 22.

¹⁸ RESANE, 2020, p. 2.

¹⁹ Ibidem, p.14. “Minha tradução”.

responsabilidades exclusivas da própria igreja, conforme instruído por Jesus Cristo. Quanto ao que foi particularmente incumbido à Igreja do Senhor, Horton explica:

Ao fornecer sistemas de apoio, as agências paraeclesiais podem ajudar as igrejas a permanecer concentradas na execução, mas transgridem os seus limites quando assumem o papel que Cristo confiou à sua igreja. Elas não estão autorizadas a fazer discípulos. Não foram comissionadas para proclamar a Palavra, para administrar o batismo nem a Ceia do Senhor, para determinar a fé e a prática, nem para exercer disciplina espiritual. Seja o que for que elas façam, deve ser feito para servir a esse ministério da igreja, não como um pai ou mãe substitutos.²⁰

Muitas igrejas argumentam que, em vez de contribuir de forma complementar, as organizações paraeclesiais competem diretamente com a igreja. Elas disputam recursos financeiros e humanos, além de atrair muitos membros e líderes para fora da comunidade local. Isso resulta em um enfraquecimento da comunhão e do serviço dentro das próprias congregações.²¹ Elas veem as atividades dessas organizações como irregulares e uma ameaça à ordem eclesial, pois a autoridade da igreja pode ser relegada a segundo plano em assuntos como prestação de contas, suporte espiritual e teológico, e até mesmo o direcionamento de ofertas.²²

White destaca algumas questões fundamentais que levam igrejas e líderes a questionarem a relevância do trabalho das organizações paraeclesiais. Mais do que um argumento teológico sobre a legitimidade bíblica da existência dessas organizações, White aponta diversos outros conflitos que geram certa tensão na relação entre ambos os agentes. A partir do ponto de vista das igrejas locais, os principais conflitos incluem: I) finanças; II) transparência e prestação de contas; III) efetividade e autoavaliação das organizações; IV) duplicidade de ministérios; e V) teologia e doutrinas.

Quanto às finanças, White afirma que conflitos emergem quando igrejas percebem que as organizações drenam uma quantidade significativa de recursos financeiros, utilizando-as meramente como canais de captação, em vez de manterem um relacionamento constante e colaborativo com as igrejas. As organizações frequentemente esperam mais doações e investimentos das igrejas e criticam a maneira como estas alocam seus recursos, muitas vezes priorizando a manutenção de edifícios em detrimento de indivíduos ou projetos missionários. Por outro lado, algumas igrejas locais defendem que os recursos financeiros provenientes de seus membros devem ser geridos internamente, em vez de serem transferidos para terceiros. No entanto, para as organizações paraeclesiais, essa visão é impraticável, uma vez que grande

²⁰ HORTON, 2014, p. 231.

²¹ WHITE, 1983, p. 25

²² CLOWNEY, Edmund P. *A Igreja*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 22.

parte das doações recebidas por elas provém de indivíduos, mais do que de igrejas e denominações.²³

Entre as questões destacadas estão também a falta de transparência e a ausência de prestação de contas de certas organizações paraeclesiais a uma autoridade eclesial ou liderança independente. Segundo White, essa estrutura autônoma pode levantar dúvidas sobre como as organizações gerenciam as ofertas recebidas, prestam contas em relação à gestão de recursos, avaliam o desempenho ministerial e mantêm a fidelidade aos princípios organizacionais e doutrinários. Embora as organizações sejam independentes da estrutura eclesial, é crucial que encontrem maneiras de prestar contas de seus ministérios para exercerem com excelência o trabalho que se propuseram a realizar. A transparência e a clareza no ministério são essenciais para reconhecer as igrejas como partes importantes no processo de estabelecimento de parcerias no Reino de Deus.²⁴

Para White, outra questão crucial que as organizações precisam considerar é a capacidade de mensurar sua eficácia e realizar uma autoavaliação contínua sobre a necessidade de permanecerem na ativa. Segundo o autor, as organizações tornam-se ineficazes quando comprometem sua visão original. Para evitar isso, é essencial que elas compreendam claramente por que existem e como podem melhor atingir os resultados almejados. White enfatiza que um dos desafios decorrentes da proliferação de organizações paraeclesiais é a ausência de encerramento de suas atividades quando necessário, sejam os resultados tendo sido atingidos ou não. Se isso não for levado em consideração, esse problema pode afetar negativamente as finanças da organização e de seus parceiros. Além disso, o prolongamento das atividades além do necessário pode gerar uma dependência mútua entre o grupo atendido e a entidade, colocando em questão a continuidade, a credibilidade e a efetividade do trabalho das organizações.²⁵

As organizações paraeclesiais precisam rever periodicamente as suas razões de existência. Alguns grupos precisam unir forças uns com os outros. Alguns precisam fechar. A visão de uma pessoa não é razão suficiente para continuar funcionando; também é necessário que haja a mão óbvia de Deus sobre a obra.²⁶

Outra tensão entre a igreja e as organizações, apontada por White, é a duplicação de esforços e a falta de unidade e colaboração no Corpo de Cristo. Essa situação frequentemente leva à competição de atividades, tanto em termos denominacionais quanto em áreas específicas

²³ WHITE, 1983, p. 26, 32.

²⁴ WHITE, 1983, p. 89.

²⁵ Ibidem, p. 120.

²⁶ Ibidem, p. 93. “Minha tradução”.

de atuação. Como resultado, gera-se confusão nas igrejas sobre onde direcionar apoio, envolvimento ou recursos financeiros, além de duplicarem o trabalho realizado pelas organizações em vez de se beneficiarem delas. Essa competição e redundância de ministérios com objetivos semelhantes muitas vezes comprometem a sustentabilidade e viabilidade das organizações paraeclesiais.²⁷

Uma última e significativa tensão destacada por White é a ausência de uma teologia clara ou a adoção de uma confissão de fé abrangente por parte das organizações paraeclesiais. Essa lacuna, frequentemente motivada pela necessidade de acomodar uma ampla gama de parceiros e igrejas, pode levar a um certo ecumenismo. Líderes eclesiais acreditam que o fator interdenominacional presente nas Confissões ou Bases de Fé dessas organizações precisa ser constantemente avaliado para garantir que elas não assumam posições teológicas e doutrinárias vagas ou comprometedoras, que diluem ou modifiquem o conteúdo do Evangelho. Embora desafiador, isso é especialmente importante para manter a integridade do relacionamento com diferentes igrejas evangélicas e com as diversas denominações representadas no próprio corpo de membros das organizações.²⁸

Por outro lado, muitas organizações questionam as igrejas locais por sua inércia ou falta de visão para apoiarem ou atuarem além de suas atividades regulares, tornando-se muitas vezes voltadas para si mesmo em detrimento da amplitude do Reino de Deus.²⁹ Muitas igrejas ainda carecem de uma compreensão clara de sua missão e propósito, especialmente no que concerne a atividades que ultrapassam as programações voltadas para a manutenção interna da congregação. Refletindo sobre a relevância das igrejas na sociedade atual, Michael Horton questiona “em vez de alcançar os perdidos, estamos perdendo os alcançados? Ou, para começar, aqueles que foram criados nas nossas igrejas estão sendo alcançados?”³⁰

Essa questão não é apenas teológica, mas também extremamente prática. Se uma igreja não possui uma sólida Teologia Bíblica de Missão, sua prática tende a ser deficiente. A missão da igreja está intrinsecamente ligada à sua responsabilidade de proclamar o Evangelho e fazer discípulos de todas as nações. Esses discípulos devem ser capacitados para formar outros discípulos, cumprindo assim a Grande Comissão outorgada por Jesus à sua igreja. Como afirma Clowney, “a Missão não é um adendo à doutrina da Igreja. É o chamado da Igreja no mundo.

²⁷ WHITE, 1983, 91, 92.

²⁸ Ibidem, p, 26.

²⁹ Ibidem, p, 28-29.

³⁰ HORTON, Michael S. *A Grande Comissão, a recuperação da estratégia divina para a gloriosa arte de fazer discípulos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 14.

Se for negligenciado ou abandonado, a vida da igreja, e não apenas o seu trabalho, fica ameaçada”.³¹

É possível observar que, na prática eclesial, muitas igrejas não integram de forma simultânea o pensamento da Grande Comissão, que inclui o testemunho, não apenas em Jerusalém, mas também em Samaria, Judeia e até os confins da Terra (At 1:8). É importante reconhecer que uma atividade local não diminui a dimensão global da tarefa. Pelo contrário, o compromisso universal da igreja em alcançar todas as nações é central e único. Quando a igreja concentra seus esforços apenas em atividades eclesiais internas e investe demasiadamente em sua própria manutenção, o trabalho missionário e todas as suas implicações acabam ficando em segundo plano.

Outra problemática que se evidencia é a inefetividade de muitas igrejas em instruir e habilitar seus membros a serem testemunhas intencionais na sociedade, capacitando-os a se relacionarem com a cultura e com os não-cristãos, ao invés de se isolarem. Sendo necessário um maior investimento na preparação da membresia leiga para que esta não dependa excessivamente de uma liderança já limitada, mobilizando-os e treinando-os para serem sal e luz no ambiente em que estão inseridos.

As organizações paraeclesiais têm o potencial de preencher lacunas nas atividades das igrejas, oferecendo conhecimento especializado, mobilização e recursos. No entanto, muitas vezes enfrentam pouco interesse ou envolvimento por parte das igrejas, além de escassez de investimento financeiro, seja devido a recursos limitados ou falta de visão por parte da liderança eclesial. Muitos indivíduos que se dedicam integralmente a causas missionárias e outras iniciativas paraeclesiais sentem-se desamparados pela igreja, com falta de apoio emocional, espiritual e financeiro, mesmo quando são membros ativos da comunidade eclesial.

Certamente, é imperativo um esforço conjunto para que ambas as partes assumam suas responsabilidades inerentes, respeitando os princípios de suas naturezas e colaborando para o avanço de forma eficaz na propagação do Evangelho e na edificação da Igreja. Há um apelo à parceria, ao invés de se fomentar duplicidade, fragmentação e divisões no Reino de Deus.

³¹ CLOWNEY, Edmund P. *The Biblical Theology of the Church*. In: *The Church in the Bible and the World: an international study*, edited by D.A. CARSON. Exeter, UK: Paternoster Press, 1987, p. 45. “Minha tradução”.

2. AS AGÊNCIAS MISSIONÁRIAS

As agências missionárias, por natureza, são organizações paraeclesiais que desempenham um papel crucial no apoio à igreja em sua missão de evangelização e expansão do Evangelho entre diferentes povos, línguas e nações. No entanto, sua definição torna-se mais complexa devido à ampla gama de serviços prestados por elas no contexto da missão global. Algumas agências estão diretamente ligadas a denominações específicas, enquanto outras operam de forma independente da estrutura eclesial, embora possam estabelecer parcerias com igrejas locais e outros grupos cristãos para alcançar seus objetivos missionários.

As atividades dessas organizações podem abranger uma ampla gama de áreas além do investimento em plantação, revitalização e multiplicação de igrejas em contextos nacionais e transculturais. Elas também podem incluir o treinamento e preparo de missionários e obreiros para enfrentar os desafios específicos do campo missionário. Além disso, podem gerenciar todo o processo de envio, adaptação e permanência dos missionários em países ou culturas estrangeiras, garantindo o suporte necessário para a eficácia de seu trabalho evangelístico.

Há sociedades missionárias que também promovem iniciativas de desenvolvimento médico e socioeducativo, bem como empreendedorismo e negócios com propósito missionário, utilizando-se de estratégias inovadoras, como o recrutamento de profissionais-chave para facilitar a execução de atividades missionárias em regiões de difícil acesso ao Evangelho. Outras também se dedicam à produção de material audiovisual e literatura para uso no campo, incluindo trabalhos de tradução da Bíblia para línguas minoritárias.

O trabalho e a área de atuação das agências também podem variar de acordo com seus objetivos específicos. Algumas concentram-se em povos não alcançados (PNAs) pelo Evangelho, grupos minoritários e menos evangelizados, enquanto outras direcionam seus esforços para um povo, cultura ou religião específica. Existem também aquelas que se dedicam ao apoio à igreja perseguida, além das especializadas em missões urbanas, estrangeiras ou nacionais. Outras ainda focam na evangelização de uma faixa etária específica ou de grupos sociais particulares.

Mesmo com uma diversidade de estratégias e áreas de atuação, as agências missionárias buscam mobilizar, capacitar e fortalecer o trabalho das igrejas nacionais, tanto no país de origem da missão quanto no exterior, com o objetivo último de contribuir para o trabalho missionário da Igreja em seu cumprimento da Grande Comissão.

No contexto brasileiro, por exemplo, é possível identificar sociedades e agências missionárias por meio das organizações afiliadas à AMTB - Associação de Missões

Transculturais Brasileiras. A AMTB destaca-se como um espaço interdenominacional que visa reunir organizações cristãs, centros de treinamento e agências missionárias afiliadas, com o propósito de alinhar estratégias para o cumprimento integral da Grande Comissão pela Igreja Brasileira. Por meio de seus departamentos, parcerias e congressos de âmbitos nacionais, busca despertar e mobilizar a igreja brasileira. Em 2023, a associação contava com 250 organizações missionárias afiliadas, envolvidas em uma variedade de trabalhos, serviços e atividades missionárias, com o objetivo de oferecer suporte às igrejas que optam por utilizar agências missionárias como uma extensão de sua atuação.³²

Em sua origem, as sociedades missionárias tinham o foco prioritário na evangelização, embora muitas delas também prestassem serviços educativos, médicos e sociais como parte de sua abordagem holística para atender às necessidades das comunidades em que estavam inseridas. Ao longo do tempo, as sociedades missionárias optaram por especializar-se e segmentar suas atividades, focando em serviços específicos ou metas particulares para atender áreas mais necessitadas nos campos missionários, ou no despertamento missionário da igreja local.³³

2.1 Movimento missionário precursores das sociedades missionárias

É relevante ressaltar que, antes do surgimento das primeiras sociedades missionárias no século XVIII, já estavam em andamento diversas iniciativas de expansão do Evangelho, impulsionadas pelos avanços da igreja primitiva. Ao longo dos séculos seguintes, uma variedade de esforços evangelísticos e movimentos missionários foram conduzidos por indivíduos, igrejas e grupos de cristãos. Essas iniciativas incluíam viagens missionárias, mobilização e despertamento missionário, estabelecimento de igrejas em novas regiões e a evangelização de povos não alcançados.

Mas na maioria desses casos, as iniciativas estavam relativamente ligadas a igrejas ou grupos denominacionais, em vez de sociedades missionárias paraeclesiais. As empreitadas missionárias a cargo da igreja tinham como característica a ordenação de seus missionários, fornecendo autoridade e orientação específica para o ministério. No que tange ao envio de obreiros para outras nações e povos, os missionários enviados, por serem contratados para desempenhar atividades específicas de evangelização, contavam com o suporte financeiro

³² AMTB. *Relatório Anual AMTB 2023*. Disponível em: <<https://amtb.org.br>>. Acessado: 10 abr. 2023.

³³ ARTHUR, Eddy. *The Future of Mission Agencies*. Mission Round Table, 2017, 12 (1), p. 4-12, p. 4.

provido pela própria igreja ou denominação. Eles eram responsáveis por prestar contas de seu ministério à igreja enviada ou à assembleia da denominação.³⁴

O tema abordado neste artigo concentra-se nos esforços missionários promovidos por agências missionárias protestantes. No entanto, é relevante mencionar algumas iniciativas missionárias anteriores conduzidas por igrejas e denominações devido à sua importância histórica e à influência que exerceram sobre os movimentos missionários subsequentes. É crucial reconhecer o papel das igrejas reformadas no avanço da obra missionária, refutando a errônea ideia de que os reformadores não estiveram envolvidos com missões transculturais.³⁵ Diversos eventos históricos evidenciam o engajamento dos reformados em missões, resultando no envio e mobilização missionária para diversas regiões das colônias e do Novo Mundo, desmentindo afirmações errôneas como:

Na Reforma do século 16 os fundamentos da teologia bíblica foram recuperados, mas os reformadores não desenvolveram uma missiologia bíblica. Infelizmente, eles também não trataram da necessidade de uma reforma estrutural e preservaram muitas das formas distorcidas do passado. O monasticismo foi rejeitado, e durante 300 anos não foram estabelecidas quaisquer estruturas missionárias para substituir o monasticismo nas igrejas da Reforma. De fato, a Reforma foi uma "deformação" estrutural. Foi apenas no início do século 18 que os morávios colocaram novamente o mundo no centro da vida da igreja. A isso seguiram-se reavivamentos evangélicos que inspiraram algumas igrejas protestantes a se empenhar em missões.³⁶

Nos primórdios da Reforma Protestante, por volta do século XVI, os países protestantes enfrentaram limitações para realizar missões ultramarinas devido à falta de uma infraestrutura naval. Países católicos, como Espanha e Portugal, saíram na frente na corrida marítima, com recursos em abundância, ganhando poderio na colonização, influência geopolítica e religiosa na expansão missionária. No entanto, pode-se observar o esforço de João Calvino em evangelizar não somente a França, mas também outros países para além das fronteiras da Europa, alcançando regiões do Novo Mundo, como o Brasil, durante o episódio conhecido como os Mártires da Guanabara, uma tentativa dos Huguenotes Franceses de estabelecer a primeira igreja reformada no Brasil em 1557.³⁷ Genebra, especialmente, destacou-se como um centro importante de treinamento missionário e envio de obreiros para difundir o Evangelho e plantar novas igrejas em diversas partes do mundo.³⁸

³⁴ FIEDLER, Klaus. *The Story of Faith Missions: from Hudson Taylor to present day Africa*. Oxford: Regnum Books International, 1994. p. 20.

³⁵ MEDEIROS, Elias. *The reformers and "missions": Warneck, Latourette, Neill, Kane, Winter, and Tucker's arguments – part 1*. In: FIDES REFORMATA XVIII, Nº 1 (2013): 107-133, p. 108.

³⁶ JOHNSTONE, 2017, p. 225.

³⁷ MEDEIROS, Elias S. *Brazil*. In: MOREAU, A. Scott. *Evangelical Dictionary of World Mission*. Baker Books e Paternoster: Cumbria, 2000. p. 142.

³⁸ SIMMONS, Scott. *João Calvino e Missões: um Estudo Histórico*. Disponível em: <https://www.monergismo.com/textos/jcalvino/calvino_missoes_scott.htm>. Acessado em: 30 set. 2023;

A expansão marítima e as primeiras tentativas de disseminação do cristianismo, como as realizadas pela Companhia das Índias Orientais e Ocidentais holandesa, desempenharam um papel significativo no impulso à obra missionária protestante, diante do avanço das missões católicas e o trabalho dos Jesuítas. A Companhia holandesa tinha fortes motivações missionárias em expandir a fé reformada em suas colônias. Um exemplo do investimento missionário da Cia foi o financiamento da criação do *Seminarium Indicum* em 1622, cujo objetivo era capacitar teológica e missiologicamente pastores e missionários para os desafios do trabalho transcultural nas colônias. O Brasil, por exemplo, recebeu forte influência da fé cristã reformada durante os anos de 1630 a 1654, em que o Nordeste brasileiro esteve sob o domínio da República da Holanda.³⁹

A Igreja Presbiteriana Escocesa também conduziu duas expedições missionárias para o Istmo, no atual Panamá (1698-1699), representando um significativo investimento reformado em missões além mar. Apoiada por toda nação escocesa, a iniciativa investiu na criação de uma Companhia expedicionária em 1695, que buscava disseminar o Evangelho e estabelecer atividades comerciais no Novo Mundo. Embora tenha envolvido um investimento financeiro e esforços notáveis de toda a nação, as expedições resultaram na falência da companhia estatal, em perdas humanas e econômicas, além de não alcançar conversões de nativos e o estabelecimento de igrejas. No entanto, registros históricos revelam que o trabalho dos escoceses foi motivado pelo amor aos nativos e pelo desejo de compartilhar a fé protestante, chegando bem próximo de alcançar resultados missionários. Um livreto distribuído em toda a Escócia durante esses eventos serviu como uma primeira missiologia escocesa, explicando as bases teológicas da motivação missionária. Apesar dos desafios e resultados modestos, essa empreitada foi um marco no movimento missionário reformado, destacando a intencionalidade e a paixão dos Presbiterianos Escoceses pela missão.⁴⁰

Durante a Reforma Protestante, missões também foram um tema proeminente entre os reformadores. O Sínodo de Dordt (1618-1619), realizado na cidade holandesa de Dordrecht, deixou um legado significativo ao destacar que uma teologia saudável, aliada à prática coerente, promove a motivação adequada para as missões. Além disso, o Sínodo serviu como catalisador para o despertar missionário e a propagação do Evangelho entre os povos nativos das colônias

HAYKIN, Michael A. G.; ROBINSON JR., Jeffrey. *O Legado Missionário de Calvino*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 21-29.

³⁹ CHUNG, Chun K. *Uma breve avaliação do legado missionário do Sínodo Dordt (1618-1619)*. FIDES REFORMATATA XXVII, Nº 1 (2022): 103-112.

⁴⁰ CHUNG, Chun K. *História das Missões Reformadas: Missões Presbiterianas Escocesa*. AULA. Mestrado em Teologia Pastoral com ênfase em Missões do Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ), São Paulo, set, 2023.

holandesas do século XVII. Durante as discussões, questões missiológicas relacionadas ao trabalho entre os nativos nas colônias holandesas foram abordadas pela primeira vez entre as igrejas reformadas, o que resultou em um significativo impulso missionário. Antes das resoluções do Sínodo, havia apenas nove missionários nas Índias Orientais, mas nos anos seguintes esse número cresceu para 24 ministros, e em 1640 já eram centenas. Vale ressaltar que esse contingente não incluía apenas ministros, mas também evangelistas leigos, conhecidos como "consoladores", que desempenhavam um papel fundamental na disseminação das Escrituras e na evangelização.⁴¹

Grande expoente durante o Sínodo foi o jovem pastor holandês Gisbertus Voetius (1589-1676), visto como o primeiro missiólogo protestante, dedicando mais de 200 páginas em escritos para falar sobre plantação de igrejas e estratégias de missões, sempre focando em conciliar conhecimento teológico com piedade. No século XVII a missiologia protestante ainda estava em fase de formação, e as contribuições de Voetius estabeleceram uma base sólida para desenvolvimentos subsequentes no campo. Voetius foi um grande impulsionador da expansão das missões reformadas, sendo uma forte oposição às estratégias das Missões Papal, que apesar de serem pioneiras e de grande abrangência, propagavam um cristianismo nominal das colônias.⁴²

Mesmo enfrentando várias barreiras e perseguições, o esforço missionário puritano teve início com pioneiros como John Eliot (1604-1690), missionário enviado pelas igrejas protestantes Inglesas aos nativos americanos no início da colonização da Nova Inglaterra (EUA). Conhecido como o "apóstolo dos índios", Eliot chegou às colônias americanas em 1631 e começou seu trabalho missionário entre os índios em 1644. Sua dedicação inspirou muitos a se engajarem com missões, seja indo para o campo missionário ou intercedendo constantemente por missões. Outras figuras como Jonathan Edwards (1703-1758) e David Brainerd (1718-1747) são exemplos de missionários devotos aos nativos americanos. Seus esforços desencadearam grande despertar missionário, bem como movimentos internacionais de oração por missões e busca pelo avivamento.⁴³

Essas orações por missões e o desejo de avivamento global tornaram-se pilares da teologia de missões puritanas, baseadas nas verdades e promessas divinas da Palavra de Deus,

⁴¹ CHUNG, 2022, p. 103-112.

⁴² JONGENEEL, J.A.B. "The Missiology of Gisbertus Voetius: The First Comprehensive Protestant Theology of Missions." In Calvin Theological Journal 26 no. 1 (1991): 47-79.

⁴³ BEEKE, Joel e JONES, Mark. *Teologia Puritana: Doutrina para a Vida*, trad. Márcio Loureiro Redondo (São Paulo: Vida Nova, 2016), cap. 47 (p. 1073-1085).

influenciando vários movimentos de oração em toda a América e Europa. Esses eventos reavivaram o zelo missionário de muitos cristãos piedosos e foram precursores do surgimento das sociedades missionárias voluntárias em prol do avanço missionário.⁴⁴

2.2 A Relevância histórica das Agências Missionárias

Ao longo dos séculos XVII e XVIII, várias sociedades missionárias protestantes surgiram para difundir o cristianismo e propagar o Evangelho globalmente como estruturas independentes da igreja. Inicialmente ligadas às igrejas ou denominações específicas, as primeiras foram a Sociedade para a Promoção do Conhecimento Cristão e a Sociedade para a Propagação do Evangelho, estabelecidas em 1698 e 1701 respectivamente, mas ainda mantendo certa relação com a Igreja Anglicana.⁴⁵

Historicamente, a maior influência no surgimento das agências missionárias como uma estrutura a parte da igreja é frequentemente atribuída à obra de William Carey (1761-1834), primeiro missionário britânico enviado por uma Sociedade ao exterior. Em 1792, após publicar uma obra intitulada, "*Uma averiguação da obrigação dos cristãos de usar meios para a conversão dos pagãos*"⁴⁶, ocorreu a subsequente fundação da Sociedade Missionária Batista, sendo Carey e sua família enviados para servir na Índia.

A obra teve seu apelo reforçado pelo sermão de Carey a um grupo de ministros batistas em Nottingham, em 31 de maio de 1792. Baseando-se no texto de Isaías 54:2-3, 'Alonga as tuas cordas e fortalece as tuas estacas', ele estabeleceu os dois grandes princípios de ação: 'esperar grandes coisas de Deus e tentar grandes coisas para Deus'. Quatro meses depois, a Sociedade Missionária Batista foi formada. Em junho de 1793, Carey partiu para a Índia com sua família como o primeiro missionário da Sociedade, chegando a Hooghly em 11 de novembro daquele ano. Esse foi o início do movimento missionário de falantes da língua inglesa no exterior.⁴⁷

A obra de Carey teve como objetivo despertar os ministros de sua denominação para a necessidade de estabelecer sociedades voluntárias. Essas sociedades tinham o propósito de capacitar os cristãos protestantes a se tornarem missionários e alcançarem os povos não alcançados em regiões distantes.⁴⁸ Seu trabalho não apenas impactou sua própria denominação, como também incentivou um grande renascimento do ardor missionário entre os cristãos,

⁴⁴ BEEKE, 2016, p. 1073-1085.

⁴⁵ WHITE, 1983, p. 47.

⁴⁶ Título original: "An Enquiry into the Obligations of Christians to Use Means for the Conversion of the Heathens".

⁴⁷ NEILL, Stephen. *A History of Christian Missions*. London: Penguin Books, 1990. p. 223. "Minha tradução".

⁴⁸ ARTHUR, 2017, p. 4.

levando ao surgimento de diversas sociedades missionárias voluntárias e resultando na rápida expansão geográfica do Evangelho.⁴⁹

Carey destaca em sua obra a urgente necessidade de aumentar os esforços em prol da obra missionária:

Desde a era apostólica, muitas outras tentativas de difundir o Evangelho foram feitas, as quais foram consideravelmente bem sucedidas, apesar de uma parte muito considerável da humanidade ainda estar envolvida em todas as trevas do paganismo. Algumas tentativas ainda estão sendo feitas, mas são insignificantes em comparação com o que poderia ser feito se todo o corpo de Cristo entrasse de coração no espírito do mandamento divino sobre este assunto.⁵⁰

Para efetivo funcionamento de uma sociedade missionária, Carey propôs que essa deveria ser dirigida por uma diretoria independente, encarregada da administração e do recrutamento de missionários com um perfil adequado para os desafios do trabalho transcultural. Carey encorajou os membros de sua própria denominação a se envolverem na diretoria, embora não se opusesse à participação de pessoas de outras denominações que fossem despertadas para a urgente necessidade da tarefa missionária.⁵¹ A proposta de Carey a respeito da criação e gestão de uma sociedade missionária:

Suponha que um grupo de cristãos sérios, ministros e pessoas privadas, se unisse em uma sociedade e estabelecesse uma série de regras respeitando o regulamento do plano, incluindo critérios para seleção dos missionários, meios de financiamento das despesas, etc., etc. Essa sociedade deve ser composta por indivíduos cujos corações estejam no trabalho, homens de fé sincera e que possuam um espírito de perseverança; devem estar determinados a não admitir qualquer pessoa que não se enquadre nesse perfil, nem mantê-la por mais tempo do que necessário.

Dessa sociedade poderia ser designada uma comissão, cuja responsabilidade seria obter toda a informação relevante sobre o assunto, receber contribuições, analisar o caráter, temperamento, habilidades e convicções religiosas dos missionários, além de prover o necessário para seus empreendimentos.⁵²

Mais de 200 anos depois, muitas organizações missionárias ainda operam dentro dos moldes sugeridos por Carey, embora tenham sido adaptadas às particularidades de cada país, e às diversas estruturas de governança e administração, levando em conta as diferentes denominações e afiliações interdenominacionais.⁵³

Carey é amplamente reconhecido como o "pai das missões modernas" devido ao seu papel crucial na promoção do trabalho missionário. Antes de seu envolvimento, o trabalho missionário nas colônias britânicas não era universalmente aceito. Sua figura emerge com

⁴⁹ NEIL, 1990, p. 215.

⁵⁰ CAREY, Willian. *An Enquiry into the Obligations of Christians to Use Means for the Conversion of the Heathens*, 1792. In: *Perspectives on the World Christian Movements*. William Carey Library Publishers, 2004, 3rd ed. p.293-299, p. 294. "Minha tradução".

⁵¹ CAREY, 1793, p. 299.

⁵² *Ibidem*, p. 299. "Minha tradução".

⁵³ ARTHUR, 2017, p.4.

proeminência na busca pela unanimidade dos esforços missionários, e a partir dele diversas outras denominações começaram a enviar missionários para todo o mundo.

Compreendendo a visão de Carey, muitas outras organizações surgiram de forma subsequente. Em 1795, a Sociedade Missionária de Londres foi estabelecida com o propósito de propagar a mensagem do Evangelho aos pagãos, sem estar vinculada a nenhuma denominação ou governo eclesiástico específico. Nessa sociedade, leigos e clérigos colaboraram em prol da causa comum do Evangelho, buscando arrecadar fundos à parte da igreja local. Entretanto, em pouco tempo tornou-se parte do corpo da Igreja Congregacional Inglesa. No final dos de 1790 surgiram as Sociedade Missionária da Igreja Evangélica Anglicana, Sociedade Missionária de Glasgow e Sociedade Missionária Escocesa.⁵⁴ Stephen Neill fornece uma visão geral do surgimento das sociedades missionárias em âmbitos globais:

A América entrou na lista em 1810 com o Conselho Americano de Comissários para Missões Estrangeiras, principalmente Congregacionais, e em 1814 com o Conselho Missionário Batista Americano. A Alemanha teve sua primeira sociedade missionária em 1824, a Sociedade de Berlim, seguida pela Basileia Mission (1815). Um pouco antes, a Dinamarca (1821), França (1822), Suécia (1835) e Noruega (1842) estabeleceram suas próprias sociedades missionárias. A lista de países e organizações continuou a crescer, tornando-se tão extensa que não é possível acompanhar todas em um livro deste tamanho.⁵⁵

Uma nova fase surge no movimento missionário posterior ao período clássico das missões. Conforme enfatizado por Klaus Fiedler, é inegável a importância fundamental das missões clássicas para a igreja global. No entanto, é crucial reconhecer que, simultaneamente ou após essas missões, surgiram várias novas agências missionárias, conferindo ao século XIX o título de Grande Século para as missões mundiais. Esses novos tipos de missões não representavam simplesmente um trabalho adicional ao que já havia sido feito no campo missionários, mas sim novas missões com naturezas ou abordagens distintas.⁵⁶

Fiedler propõe uma categorização dentro desse período, destacando o surgimento das "Missões de Fé", que estão diretamente associadas à fundação da Missão para o Interior da China (CIM - China Inland Mission) por Hudson Taylor (1832-1905) em 25 de junho de 1865. Essas missões são definidas pelo princípio de fé para angariar apoio financeiro para suas atividades missionárias, além da colaboração de cristãos leigos de diversas denominações em busca de uma expansão missionária. Ao tornar-se um missionário independente, Hudson Taylor optou por depender exclusivamente do apoio que viesse como resposta de fé às suas orações. A partir da iniciativa de Taylor, uma segunda onda no movimento missionário teve início,

⁵⁴ WHITE, 1983, p. 49; NEILL, 1990, p. 214.

⁵⁵ NEILL, 1990, p. 214. "Minha tradução".

⁵⁶ FIEDLER, 1994. p. 13.

influenciando o surgimento de muitas outras missões interdenominacionais, independentes de afiliações eclesíásticas ou denominacionais específicas.⁵⁷

Esse movimento era caracterizado pelo conceito de que todo indivíduo tinha uma responsabilidade individual e direta perante Deus, sendo convocado a ser testemunha, não apenas nos moldes da estrutura eclesíastica. Impulsionadas pelo ardor missionário e pelo espírito independente, essas missões possibilitaram a participação de missionários, ordenados ou não, cristãos leigos e mulheres no trabalho missionário.⁵⁸

Os pioneiros da primeira onda do movimento missionário se concentraram principalmente em zonas costeiras para alcançar os povos não alcançados. Já a segunda onda de missões, liderada por Hudson Taylor, foi caracterizada por um foco maior no interior dos países. Taylor defendia uma abordagem mais contextualizada na estratégia missionária, enfatizando a importância do aprendizado da língua local, tradução das Escrituras, adoção de vestimentas nacionais e preparo adequado para o trabalho missionário. Seu principal objetivo era alcançar os povos no interior dos países, onde o Evangelho ainda não havia chegado.⁵⁹

Inicialmente, Taylor não tinha a intenção de estabelecer uma nova missão. Após servir por seis anos na China, junto a Chinese Evangelization Society (CES), precisou seguir novos caminhos após todas as tentativas mostrarem-se infrutíferas ao tentar persuadir as missões já existentes no país a intensificar esforços para além da região dos portos estabelecidos e avançar para o interior da China, a fim de propagar o Evangelho a grupos não alcançados, fundando assim a Missão ao Interior da China (CIM - China Inland Mission).

A razão para a fundação da CIM não deve ser vista apenas como resultado da relutância das missões clássicas, mas também como consequência da convicção teológica de Hudson Taylor de que todos os que não creem em Cristo estão eternamente perdidos. Portanto, os cristãos devem fazer todos os esforços para apresentar o evangelho em todos os lugares, para que todos tenham a chance de ouvi-lo ou lê-lo e aceitar Cristo como seu salvador.⁶⁰

A convicção teológica de Taylor, de que a segunda vinda de Cristo só ocorreria após o Evangelho ser pregado a todos os povos, impulsionou uma mobilização missionária massiva, principalmente em meio às universidades. Sua visão escatológica, aliada ao desejo de alcançar os povos não alcançados com o Evangelho, juntamente com sua posição eclesíastica independente, contribuíram para o envolvimento de homens e mulheres leigos na tarefa missionária, resultando em uma expansão mais rápida, eficaz, e criativa do trabalho

⁵⁷ FIEDLER, 1994. p. 11-13, 24.

⁵⁸ Ibidem, p. 25.

⁵⁹ CHUNG, 2023, AULA.

⁶⁰ FIEDLER, 1994. p. 34. “Minha tradução”

missionário. Em 1875, apenas 10 anos após sua fundação, a missão contava com 24 missionários atuando em 10 diferentes áreas no país. Ao final de 1895, esse número havia aumentado significativamente, totalizando 641 missionários.⁶¹

Fiedler apresenta os princípios que regiam a sociedade fundada por Taylor, os quais incluíam sua natureza interdenominacional e a participação de missionários de todas as igrejas protestantes, desde que concordassem com uma declaração de fé comum. Era enfatizada a resolução pragmática de questões eclesiais e a prioridade de congregação dos convertidos em igrejas locais. Os missionários eram considerados membros da Missão e deveriam confiar no princípio de fé para sustento pessoal. Não havia distinção entre missionários ordenados e não ordenados, e tanto esposas quanto mulheres solteiras tinham oportunidades iguais. Os missionários eram incentivados a se identificarem com a cultura local, à vida sacrificial e a priorizar o evangelismo sobre o trabalho institucional. Fiedler enumera os princípios da Missão ao Interior da China (CIM), a saber:

| Os princípios da Missão para o Interior da China - China Inland Mission (CIM) | |
|--|--|
| 1. | A missão é interdenominacional. Missionários de todas as igrejas protestantes podem tornar-se membros se concordarem com a declaração de fé. |
| 2. | A ordem da igreja é uma questão secundária. Os problemas da ordem eclesiástica podem ser resolvidos de forma pragmática. |
| 3. | Os missionários não são funcionários, mas membros da missão. |
| 4. | Os missionários não recebem salário, mas esperam que Deus supra todas as suas necessidades através das mãos de seus filhos ("princípio da fé"). |
| 5. | Missionários com qualquer tipo de formação são igualmente bem-vindos. |
| 6. | Não há diferença entre missionários ordenados e não ordenados. |
| 7. | As esposas são missionárias plenas e todas as possibilidades abertas aos homens também estão abertas a elas. |
| 8. | As mulheres solteiras têm as mesmas possibilidades que os homens. Elas podem trabalhar por conta própria como evangelistas pioneiras. |
| 9. | Os missionários identificam-se, tanto quanto possível, com a cultura do país anfitrião. Como sinal dessa identificação, eles usam trajes chineses. |
| 10. | Os missionários devem estar dispostos a aceitar sacrifícios e sofrimentos. |
| 11. | No trabalho missionário, o evangelismo tem precedência sobre o trabalho institucional. |

⁶¹ FIEDLER, 1994. p. 34, 35.

| | |
|-----|---|
| 12. | A primeira prioridade de todo trabalho evangelístico é dar a todos pelo menos uma oportunidade de ouvir o Evangelho. Portanto, a itinerância evangelística deve receber atenção especial. |
| 13. | Os convertidos devem ser unidos em congregações locais e usados para promover o evangelismo. |
| 14. | A missão é internacional. |
| 15. | A liderança é centralizada. A missão é dirigida ao campo. Os Conselhos Locais servem apenas para representar a missão num determinado país, não para dirigir a missão. |

Tabela 1. *Os princípios da Missão para o Interior da China.* FIEDLER, 1994. p.35. “Minha tradução”.

Com a criação da CIM, Taylor inspirou o surgimento de muitas outras organizações com o mesmo objetivo de alcançar os povos não alcançados no interior dos continentes e a funcionarem em padrões e princípios parecidos quanto ao sustento, governança, oportunidades de serviços, e tendo como alvo povos não alcançados.⁶² Exemplos incluem expedições missionárias para o interior da África, por meio de sociedades como a African Inland Mission (1895) e a Sudan Inland Mission (1901).⁶³ Além disso, destacam-se figuras como David Livingstone (1813-1873), missionário e explorador britânico enviado pela London Missionary Society à região do Zimbábue, e Charles Thomas Stoodly (1860 – 1931), missionário no Congo e fundador da Missão WEC.⁶⁴

Em 1950, a CIM decidiu retirar-se da China e estabelecer uma nova sede em Singapura, a fim de expandir suas operações para outros países do leste asiático. Em 1964, a Missão para o Interior da China mudou seu nome para Overseas Missionary Fellowship (OMF), e posteriormente para OMF International em 1993. A história que teve início com a oração de Taylor por 24 missionários para trabalhar em 11 regiões da China e Mongólia, hoje, 150 anos depois, conta com 2.500 missionários de mais de 40 países, servido a pessoas do Leste Asiático.⁶⁵

Historiadores reconhecem o século XIX como a era das sociedades missionárias, uma vez que os esforços para a expansão do Evangelho tiveram um novo modelo operacional, em que a liderança do trabalho missionário ficou a cargo das sociedades voluntárias, em vez de serem iniciativas da própria igreja ou de uma denominação em si. Essas sociedades dependiam

⁶² FIEDLER, 1994. p. 32.

⁶³ WHITE, 1983, p. 50.

⁶⁴ FIEDLER, 1994. p. 39, WHITE, 1983, p. 49.

⁶⁵ FIEDLER, 1994. p. 35; OMF INTERNATIONAL. *Our Story*. Disponível em: <<https://omf.org/about-us/our-story/>> Acesso em: 14 abr. 2024.

da “iniciativa de indivíduos consagrados e contando com o apoio financeiro de doações voluntárias de cristãos interessados”.⁶⁶ A partir de 1800 e ao longo do século seguinte, inúmeras agências missionárias protestantes foram fundadas. Segundo Johnstone, em 1800, havia menos de 100 missionários protestantes ativos. No entanto, por volta de 1900, esse número cresceu significativamente, alcançando aproximadamente 45.000 missionários em atividade. Em contraste, em 1834, existiam apenas 270 missionários católicos europeus em missão.⁶⁷

Neill observa que o aumento das sociedades voluntárias, tanto ligadas a denominações quanto interdenominacionais, levou, até o final do século, ao engajamento de países nominalmente cristãos e de quase todas as denominações no apoio à causa missionária.⁶⁸ Ao longo da história, as sociedades missionárias desempenharam um papel crucial no avanço do Evangelho em diversas regiões do mundo. Embora mantivessem certa relação com a igreja, elas atuaram de forma autônoma em termos de governança, recursos financeiros e humanos, contribuindo significativamente para o pioneirismo e amplo alcance das atividades missionárias.

2.3 Legitimidade das Agências Missionárias

O missiólogo Ralph Winter é um dos autores que defende a autoridade das organizações missionárias como estruturas autônomas. Em sua tese, salienta que sociedades missionárias paraeclesiais não somente são essenciais para o cumprimento da Grande Comissão, como também são estruturas legítimas da missão de Deus. O autor embasa-se no fato de que na história da Igreja, desde o Novo Testamento até os dias atuais, sempre existiram duas estruturas atuando para promover o avanço missionário: a Igreja local ou denominação, qual ele denomina estrutura de *Modalidade*, e as sociedades missionárias, a estrutura de *Sodalidade*.⁶⁹ As características de cada estrutura apresentam-se como: a modalidade é uma estrutura de comunhão na qual não há distinção de sexo ou idade, enquanto a sodalidade é uma estrutura na qual a afiliação envolve uma segunda decisão, além da adesão à modalidade, e é limitada por idade, sexo ou estado civil.⁷⁰

Em seu renomado artigo "Duas Estruturas da Missão Redentora de Deus", ao analisar as estratégias da equipe missionária de Paulo, a história do avanço do Cristianismo e o

⁶⁶ NEILL, 1990, p. 214. “Minha tradução”.

⁶⁷ JOHNSTONE, 2014, p. 59.

⁶⁸ NEILL, 1990, p. 215.

⁶⁹ WINTER, 2004, p. 220-230.

⁷⁰ Ibidem, p. 221.

movimento missionário global, o autor apresenta a estrutura missionária como uma expressão legítima da Igreja Universal. Essa estrutura, à parte da estrutura oficial da igreja local, tem sido um meio autônomo e independente pelo qual a Missão de Deus tem sido realizada nos últimos séculos, especialmente visando regiões distantes e não alcançadas. Em sua defesa da legitimidade da estrutura missional, Winter destaca que o aspecto crucial não é a forma, mas sim a função da organização do povo de Deus, desde que essas estruturas correspondam fielmente aos padrões estabelecidos por Paulo. Segundo o autor, o objetivo foi buscar uma equivalência funcional, não simplesmente replicar padrões pré definidos, uma vez que “tudo o que se tenta aqui é explorar alguns dos padrões históricos que deixam claro que Deus, através do Seu Espírito Santo, usou clara e consistentemente uma estrutura diferente (e às vezes em vez da) estrutura de modalidade”.⁷¹

Segundo Winter, a estrutura de *Modalidade* diz respeito à primeira estrutura missional representada no Novo Testamento, a Igreja. Para o autor, a chamada Igreja do Novo Testamento trata-se basicamente de um modelo de sinagoga cristã, aos moldes das sinagogas judaicas. O autor defende que a primeira estratégia missionária de Paulo consistia em ir a sinagogas espalhadas por todo o Império Romano, a fim de pregar sobre a vinda do Messias, Jesus Cristo, o Filho de Deus, a Judeus e gentios.⁷²

O esforço contínuo de Paulo na pregação do Evangelho aos gentios levou ao surgimento de um novo tipo de igreja, frequentada tanto por judeus quanto por gregos. Além da multiculturalidade de integrar judeus e gregos, outra característica presente nessa estrutura neotestamentária era o ajuntamento de fiéis de diferentes idades e gêneros, que se reuniam em comunhão e adoração. Segundo o autor, essa estrutura da Igreja do Novo Testamento serviria como um modelo para as comunidades cristãs subsequentes que surgiram em várias localidades. Para Winter, os esforços de Paulo para a proclamação do Evangelho nas sinagogas existentes e a plantação de novas igrejas para o ajuntamento de fiéis de diferentes culturas, tornou-se um formato básico para a atividade missionária da época, uma resposta à tarefa de fazer discípulos entre todas as nações, reunidos dentro da estrutura da igreja ou congregação.⁷³

Paulo não apenas foi ao que aparenta toda sinagoga existente na Ásia, pois ele mesmo disse “toda a Ásia ouviu o Evangelho”, mas quando houve uma demanda, ele estabeleceu novas comunidades de cristãos típicas de uma sinagoga, como sendo a unidade básica desta atividade missionária.⁷⁴

⁷¹ WINTER, 2004, p. 229. “Minha tradução”.

⁷² Ibidem, p. 220.

⁷³ Ibidem, p. 221.

⁷⁴ Ibidem, p. 221. “Minha tradução”.

Entretanto, à parte da estrutura formal da Igreja, Winter sugere que a equipe missionária de Paulo é uma segunda estrutura missional que deve ser considerada. Essa estrutura de Solidariedade é caracterizada pelo agrupamento de pessoas comprometidas e experientes visando um objetivo comum no que tange o trabalho missionário. Além disso, seria exigido desse grupo, um compromisso adicional em relação à primeira estrutura.⁷⁵ Na prática, observa-se essa estrutura em agências missionárias que, visando um objetivo específico, requerem dos seus missionários um certo nível de especialização e um segundo compromisso (um chamado missionário), além do comprometimento inicial com a igreja local (Batismo e profissão de Fé).

A interpretação de Winter é que, embora a equipe de Paulo tenha sido enviada pela Igreja de Antioquia, ela desfrutava de total autonomia e autoridade no campo missionário, sendo até mesmo denominada pelo autor como uma “congregação itinerante”. Eles tinham a capacidade de ser economicamente auto suficientes quando necessário, caracterizando-se, portanto, como uma estrutura independente. Dessa forma, esse modelo pode ser visto como um protótipo bíblico das sociedades missionárias, operando em um formato distinto da igreja local.⁷⁶

Observe também que a estrutura resultante foi definitivamente algo mais do que o alcance estendido da igreja de Antioquia. Não importa qual fosse a estrutura, sabemos que não era simplesmente a igreja de Antioquia operando distante de sua base. Era outra coisa, algo diferente.⁷⁷

O historiador e missiólogo Patrick Johnstone endossa essa perspectiva ao afirmar que as sociedades missionárias encontram respaldo não apenas histórico, mas também bíblico em seu padrão de atuação independente. Ele argumenta que, quando a igreja começou a investir em esforços missionários fora das estruturas políticas de expansão marítima e geográfica, recuperou um componente apostólico em seu ministério. Para Johnstone, esse trabalho independente e de alcance global, diferente da estrutura da igreja, segue "o padrão estabelecido pela igreja primitiva e, de modo mais notável, pela igreja de Antioquia, que enviou equipes apostólicas em um ministério independente para discipular os povos de todas as nações".⁷⁸

Mesmo sem documentos históricos que possam comprovar como funcionavam e se organizavam as equipes de Paulo como possíveis matrizes de estruturas de sociedades missionárias, Winter argumenta que a aceitação do modelo de trabalho de Paulo sugere a pré-existência de uma estrutura de alcance missionário distinta da igreja local. Isso é corroborado

⁷⁵ Ibidem, p. 221.

⁷⁶ WINTER, 2004, p. 221, 224.

⁷⁷ Ibidem, p. 221. “Minha tradução”.

⁷⁸ JOHNSTONE, 2014, p. 55.

pelo envio de Paulo e Barnabé pela igreja de Antioquia, conforme narrado no episódio de Atos 13.

A equipe de Paulo certamente pode ser considerada uma estrutura. Embora seu design e sua forma não se tornem concretos para nós com base nos documentos remanescentes, tampouco a estrutura de uma congregação do Novo Testamento é definida concretamente para nós nas páginas do Novo Testamento. Em ambos os casos, a ausência de tal definição implica a pré-existência de um padrão de relacionamento comumente entendido, seja no caso da estrutura congregacional ou da estrutura do grupo missionário que Paulo empregou anteriormente como Saulo, o Fariseu e, mais tarde, naquela época, quando a congregação de Antioquia em Atos 13:2 liberou Paulo e Barnabé para o trabalho missionário.⁷⁹

Percebe-se que Winter não estabelece uma distinção clara entre a função da Igreja e das Sociedades Missionárias, mas focaliza principalmente nas diferenças de estrutura entre ambas. Ele considera que tanto a Igreja quanto as Sociedades Missionárias representam diferentes padrões do mesmo povo de Deus reunido, os quais vêm sendo divinamente direcionados durante a história a fim da expansão do Cristianismo.

Apesar da importância em reconhecer a relevância histórica das organizações missionárias, é essencial fazer distinções entre ambas estruturas. Tanto a igreja quanto as organizações têm estruturas e funções diferentes, e é crucial que permaneçam fiéis às suas características individuais para desempenharem suas atividades com eficácia. Schnabel, ao comentar sobre o pensamento de Winter, destaca essa diferenciação nas características das organizações, que mesmo como manifestações do povo de Deus não podem constituir de fato a Igreja:

Se uma organização limita, de acordo com a definição, seus membros, ela não pode ser uma "igreja", que é sempre definida como uma comunidade onde todo seguidor de Jesus é um membro, seja mulher ou homem, seja escravo ou nascido livre, seja judeu ou gentio. Uma vez que as equipes missionárias e as agências missionárias como "sociedades" exigem uma "segunda decisão" de seus membros potenciais - uma certa idade, certas experiências, uma especialização específica - elas não podem constituir uma "igreja".⁸⁰

Essa interpretação de Winter, acerca da equipe missionária de Paulo ser um protótipo de organizações paraeclesiásticas, provendo uma autoridade bíblica para que a missão seja realizada de forma independente da igreja, vem sendo bastante criticada por teólogos e missiologistas. Schnabel atesta que o Novo Testamento oferece poucas informações sobre modelos de organizações missionárias, tornando a avaliação de Winter hipotética. Apesar de as primeiras equipes missionárias de Paulo não constituírem uma igreja em si, e portanto uma

⁷⁹ WINTER, 2004, p. 221. "Minha Tradução".

⁸⁰ SCHNABEL, Eckhard. Early Christian Mission. Vol. 2: Paul and the Early Church. Downers Grove: IVP; Leicester: Apollos, 2004, p. 1578. "Minha tradução".

estrutura distinta, não havia uma organização missionária à parte da igreja, pois sempre que a equipe chegava a uma região e uma igreja era estabelecida, tanto os convertidos quanto a equipe missionária constituíam a membresia dessa congregação.⁸¹

A estratégia missionária de Paulo, assim como a de sua equipe, estava intrinsecamente ligada à igreja. Como observa Clowney, "o apóstolo Paulo foi um sábio construtor da igreja". Embora as organizações paraeclesiais tenham uma relevância significativa por seus esforços em levar o Evangelho aos confins da terra, para Clowney, Winter parece ir longe demais ao retratar o apóstolo Paulo e seus colaboradores como uma espécie de equipe missionária paraeclesial, tendo em vista seu apostolado entre os gentios (Rm 11:23; 15:15-20) e frutos do seu ministério ser diversas igrejas plantadas.⁸²

Segundo Roland Allen, em pouco mais de dez anos, Paulo estabeleceu igrejas em quatro províncias do Império: Galácia, Macedônia, Acaia e Ásia. O apóstolo não deixava as igrejas enquanto essas estivessem totalmente equipadas com ordens de ministério, sacramentos, tradição e líderes maduros e quando esta estava formada, partia para plantar outras igrejas e fortalecer os trabalhos missionários existentes. "Paulo podia falar como se seu trabalho ali estivesse concluído e planejar extensas viagens ao extremo oeste sem ansiedade, temendo que a igreja que ele havia fundado pudesse perecer em sua ausência por falta de apoio".⁸³

Ferdinando destaca que, embora a estratégia de Paulo seja comumente considerada uma missão itinerante, o apóstolo permaneceu em certos lugares por longos períodos (Atos 18:11; 19:19,21), sugerindo que o termo "viagens" pode não captar totalmente a amplitude de seu ministério. Seu objetivo era desenvolver cristãos maduros e formar lideranças, visando à continuidade sustentável do trabalho eclesial e ao crescimento da maturidade espiritual da igreja. Assim, suas missões não se limitavam apenas ao evangelismo, mas também ao discipulado, um processo progressivo de introduzir a fé cristã e promover crescimento espiritual ao vincular os convertidos a uma comunidade de fé local.⁸⁴

Schnabel complementa essa ideia afirmando que a equipe missionária de Paulo também não pode ser equiparada à autoridade de uma igreja local nos moldes de uma igreja itinerante. Ele destaca que a autoridade de Paulo era apostólica, concentrada não em sua equipe de colaboradores missionários, mas na fundação de igrejas em nome de Jesus Cristo. Portanto, não

⁸¹ SCHNABEL, 2004, p. 1578.

⁸² Clowney 1987, p. 44.

⁸³ ALLEN, Roland. *Missionary Methods: St. Pauls out Ours?*. Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1962, p. 3,5. "Minha tradução".

⁸⁴ FERDINANDO, 2023, p. 44.

haveria evidências no Novo Testamento que confira autoridade específica a equipes missionárias como uma segunda estrutura a parte da Igreja, como argumentado por Winter.⁸⁵

Entretanto, a crítica de Schnabel ao pensamento de Winter não deslegitima a atuação das agências missionárias enquanto organizações paraeclesiais, mas mostra a importância da ação missionária estar alinhada ao trabalho da igreja local. Schnabel, inclusive, reconhece o valor do trabalho das agências missionárias, que com sua experiência podem auxiliar as igrejas na implementação do trabalho missionário em regiões de difícil acesso ao Evangelho. Em defesa das agências, o autor afirma:

Uma agência missionária é, por razões pragmáticas, o meio mais eficaz de iniciar e apoiar o trabalho missionário em regiões distantes, devido ao conhecimento especializado em relação ao país, cultura, idioma e política da região específica que a agência missionária possui.⁸⁶

Além da análise neotestamentária, Winter prossegue com sua argumentação sobre as duas estruturas legítimas que atuaram na expansão da obra missionária, e observar um padrão semelhante ao longo da história das missões. Para ele, tanto a Igreja quanto as Sociedades Missionárias têm aparecido constantemente como estruturas distintas através das quais o povo de Deus se organizou para cumprir a Grande Comissão. Segundo o autor, a história demonstrou que ambas as estruturas, eclesial e missionária, foram utilizadas, às vezes de forma paralela, enquanto em outros momentos uma das estruturas predominava sobre a outra. Em várias ocasiões, no entanto, foram as sociedades missionárias as únicas responsáveis pela expansão do movimento missionário.⁸⁷ A exemplo disso, Winter compara a expansão do Cristianismo no período medieval, destacando a atuação missionária das paróquias cristãs e o movimento dos mosteiros. Ele argumenta que os mosteiros tiveram um papel de grande relevância na perpetuação do cristianismo durante esse período:

Nosso propósito não é minimizar o significado da paróquia ou da forma diocesana de cristianismo, mas simplesmente salientar que, durante este período inicial da época medieval, a casa especializada chamada mosteiro, ou seu equivalente, tornou-se muito mais importante na perpetuação do movimento cristão do que o sistema organizado de paróquias. Muitas vezes, referimo-nos a esse sistema como "igreja", como se não houvesse outras estruturas que compusessem a igreja.⁸⁸

Com o avanço das missões cristãs, é interessante observar que nem sempre houve um relacionamento saudável entre ambas as estruturas, e a dualidade resultou em certa competição ou omissão na responsabilidade para com o trabalho missionário. Entretanto, Winter afirma que

⁸⁵ SCHNABEL, 2004, p. 1578.

⁸⁶ SCHNABEL, 2004, p. 1579. "Minha tradução".

⁸⁷ WINTER, 2004, p. 221.

⁸⁸ Ibidem, p. 224. "Minha tradução".

é necessário que ambas cooperem harmoniosamente em prol do avanço do Evangelho e é categórico em afirmar que os esforços missionários atuais só serão efetivos em seu alcance global quando ambas as estruturas forem consideradas legítimas, e estiverem completamente envolvidas, apoiando-se mutuamente em prol do cumprimento da Grande Comissão.

No entanto, a teoria de Winter, embora reconheça a importância histórica das sociedades missionárias e defenda uma parceria entre estruturas missionais e eclesiais, acabou se tornando um padrão doutrinário que justifica a existência e atuação das agências missionárias separadas da igreja, muitas vezes suplantando o papel da própria igreja na realização das missões. Esse padrão introduziu uma dicotomia na tarefa missionária no movimento missionário contemporâneo, sugerindo que a igreja local não precisa se envolver diretamente em atividades missionárias, transferindo essa responsabilidade inteiramente para as agências missionárias.⁸⁹

A legitimidade das agências missionárias não reside na substituição da igreja em sua tarefa missionária visando uma maior expertise, embora padrões históricos tenham, por vezes, sugerido isso. Da mesma forma, sua essencialidade não se baseia na mera existência das organizações paraeclesiais, tornando-as indispensáveis para a missão. Ao contrário, a validade das agências é comprovada por sua utilidade diante dos desafios globais do Evangelho.

A essência das agências não está em sua independência, mas sim em sua capacidade de fornecer à igreja recursos, estratégias, consultoria, expertise, treinamento, missionários e obreiros qualificados em tempo integral. O propósito dessas agências é facilitar e fortalecer o cumprimento do mandamento missionário pela igreja, agregando valor e proporcionando o suporte necessário para ampliar sua eficácia na obra missionária.

Pragmaticamente falando, as agências (independentes ou denominacionais) são uma dádiva de Deus e devem ser utilizadas pelas congregações. Contudo, teologicamente falando, nunca deveriam ser consideradas como a igreja em forma móvel. A legitimidade atribuída às agências missionárias decorre do seu serviço nas igrejas, e não da usurpação do mandato bíblico da igreja local.⁹⁰

Em vista dos desafios da evangelização mundial e da tarefa ainda inacabada da missão há um chamado para a sinergia e parceria entre os agentes da missão. John Piper afirma que “o desejo de Deus para as missões é que todos os grupos de pessoas sejam alcançados com o testemunho de Cristo e que um povo dentre todas as nações invoque o seu nome”.⁹¹ A definição

⁸⁹ CAMP, Bruce K. *Theological Examination of the Two-Structure Theory*. In: *Missiology: An International Review*, Vol XXIII, No. 2, April 1995, p.198-209, p. 204.

⁹⁰ CAMP, 1995, p. 207. “Minha tradução”.

⁹¹ PIPER, John. *Alegrem-se os Povos: a supremacia de Deus nas Missões*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 163.

de povo pode ser entendida como “um grupo étnico que possui identidade cultural distinta e cosmovisão que se expressa por meio de crenças, valores e comportamentos dentro do qual o evangelho pode se espalhar”.⁹² Dentro dos povos, utiliza-se ainda a terminologia de Povos Não Alcançados (PNA), definidos como grupos étnicos com menos de 2% de presença evangélica,⁹³ nos quais “não existe uma comunidade nativa viável de cristãos convictos, com números e recursos adequados para evangelizar seu próprio povo sem ajuda externa”, geralmente proveniente de uma iniciativa missionária transcultural.⁹⁴ Pode também considerar grupos étnicos menos evangelizados, constituindo aqueles que não tiveram o “evangelho apresentado de modo que a pessoa seja conscientizada das reivindicações de Cristo e da necessidade de obedecer a Ele e segui-lo”.⁹⁵

Algumas estatísticas globais sobre o desafio missionário atuais indicam que, dentro de um conjunto de 108 grupos étnicos menos evangelizados, 58 desses grupos têm menos de 5% de cristãos. Isso significa que aproximadamente 2,2 bilhões de pessoas têm acesso inexistente ou extremamente limitado ao evangelho, muitas das quais residem em regiões onde o Islamismo se tornou a religião predominante.

Sem dúvida, há muitos outros desafios a serem enfrentados, como por exemplo o de tradução da Bíblia para povos que ainda não têm porções das Escrituras em sua língua materna. Estes são desafios globais que destacam a complexidade e a magnitude da Grande Comissão, uma tarefa que não pode ser subestimada diante do grande número de pessoas ainda não alcançadas pelo evangelho. Como a igreja global responde a esses desafios? Certamente, as agências missionárias têm muito a contribuir nesse cenário, fornecendo recursos, expertise, treinamento e apoio para capacitar a igreja local a cumprir sua missão de forma mais eficaz e abrangente.

Examinar a história e identificar os pontos em que igrejas e sociedades missionárias falharam em colaborar mutuamente de maneira eficaz é crucial para desenvolver estratégias mais eficientes na execução dessa tarefa missionária ainda inacabada, especialmente em um mundo contemporâneo complexo. Em vez de adotar padrões que privilegiem uma estrutura em detrimento da outra, é importante buscar formas de promover uma parceria mais harmoniosa e produtiva entre a igreja local e as agências missionárias.

⁹² AMTB. *Dicionário de terminologias da AMTB*. 2018, p. 3. Disponível em: <https://www.amtb.org.br/wp-content/uploads/2018/07/amtbt_terminologias.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2024

⁹³ *Ibidem*, 2018, p. 4.

⁹⁴ JOHNSTONE, 2017, p. XIII.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 168.

Enquanto as agências missionárias são, por definição, entidades de apoio à igreja local, fornecendo recursos, treinamento e capacitação missionária em áreas onde a igreja pode não ter especialização ou capacidade suficiente, como podemos diferenciar, então, o que a Igreja é chamada a ser e fazer? E qual é a função do cristão como parte integrante do corpo de Cristo para o cumprimento da obra missionária? Para responder a essas indagações, é fundamental entender as definições e os propósitos específicos de cada um desses agentes, a fim de determinar claramente quais são as responsabilidades de cada um nessa missão.

3. A IGREJA: DEFINIÇÃO E MARCAS

O termo “*ekklēsia*” no Novo Testamento é a expressão grega para a palavra Igreja, que significa assembleia, um ajuntamento de pessoas.⁹⁶ Seu termo correspondente no Antigo Testamento, “*qāhāl*”, é traduzido do hebraico pela *Septuaginta* como o ajuntamento do povo de Israel. Entretanto, ambos os termos não trazem somente a ideia de uma reunião qualquer de pessoas, mas sim o ajuntamento do povo de Deus, convocados por Deus, como uma assembleia real.⁹⁷

Quanto ao significado da palavra em seu uso original, Barclay observa:

Significa um grupo de pessoas que foram “convocadas” para fora de suas casas para virem encontrar-se com Deus; e tanto no seu uso original grego como hebraico, esse sentido não era exclusivo, mas inclusivo. A convocação não foi para alguns selecionados; foi uma convocação do Estado para que cada homem viesse e assumisse suas responsabilidades; foi um chamado de Deus a todo homem para vir, ouvir e agir de acordo com a palavra de Deus. Em essência, portanto, a Igreja, a *ekklēsia*, é um corpo de pessoas, não tanto reunidas porque escolheram unir-se, mas reunidas porque Deus as chamou para si; não tanto reunidas para compartilhar seus próprios pensamentos e opiniões, mas reunindo-se para ouvir a voz de Deus.⁹⁸

Segundo Clowney, a chave para compreender o significado de “assembleia” está na ordem dada por Deus a Moisés em Deuteronômio 4:10, para que o povo se reunisse perante Deus para ouvir suas ordenanças: “*Reúne este povo, e os farei ouvir as minhas palavras, a fim de que aprenda a temer-me todos os dias que na terra viver e as ensinará a seus filhos*” (ARA)⁹⁹. A assembleia é, portanto, uma reunião para se encontrar com Deus, onde o sujeito que convoca é o próprio Deus.¹⁰⁰

Jesus foi o primeiro a fazer uso da palavra *ekklesia* no Novo Testamento (Mateus 16:18) ao se referir às pessoas que se reuniram em volta dele, reconhecendo-o publicamente como Senhor e recebendo seus ensinamentos e princípios, formando assim a “*ekklesia* do Messias, o verdadeiro Israel”.¹⁰¹ Na referida passagem, quando Jesus declara: “*eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela*”,¹⁰² o termo “*ekklēsia*” é enriquecido pelo entendimento dos ouvintes sobre Israel ser o povo de Deus reunido diante do Senhor no episódio do Monte Sinai, onde estabeleceram uma aliança com Ele. Assim como Israel representava a assembleia de Deus reunida no Antigo

⁹⁶ CLOWNEY, 1987, p. 17.

⁹⁷ BARCLAY, William. *New Testament Words*. London: SCM Press Ltd, 1964, p. 69.

⁹⁸ BARCLAY, 1964, p. 70. “Minha tradução”.

⁹⁹ Versão Revista Almeida e Atualizada (ARA). “Grifo meu”.

¹⁰⁰ CLOWNEY, 1987, p. 17.

¹⁰¹ BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. 4ª Ed. Revisada. Edição de Kindle. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. p. 947.

¹⁰² Versão Revista Almeida e Atualizada (ARA). “Grifo meu”.

Testamento, na nova aliança, a Igreja se torna o povo de Deus tendo Cristo por Sumo Sacerdote e Cabeça sobre os membros de um mesmo corpo.¹⁰³

Cristo, como Cabeça da Igreja, é aquele que dá vida à igreja (Jo 15:1-8; Cl 2:19), bem como quem exerce autoridade sobre ela e a governa espiritualmente por meio de Seu Espírito e da pregação da Palavra revelada, que serve como o padrão de fé e prática dos fiéis (Ef 1:22-23; Cl 1:18). Ele também instituiu os meios de graça, como os sacramentos, para serem administrados exclusivamente pela igreja (Mt 28:19,20; 1 Co 11:23-29). Quando o povo de Deus se reúne em Seu Nome para cultuar, Cristo está presente no meio deles, e sob uma estrutura estabelecida, institui oficiais revestidos de autoridade e sabedoria para falar em Seu nome (Mt 10:1, 16:19; Ef 4:11,12). Portanto, a comunidade de fiéis reunida não é apenas um ajuntamento voluntário, mas é a expressão terrena da comunhão celestial com Cristo (Fl 3:20; Ef 2:5-7) e com todos os santos (1Co 1.2), unidos e submissos à autoridade de Cristo e sua Palavra.¹⁰⁴

Segundo Berkhof ¹⁰⁵, no Novo Testamento, o uso da palavra *ekklesia* também pode designar: a) A igreja local, o conjunto de crentes reunidos em uma localidade definida, exemplificado pelas cartas do apóstolo Paulo direcionadas às igrejas de Corinto, Roma, Galácia, etc (At 11:26; Rm 16:1; Gl 1:2), bem como a igreja doméstica que se reunia nas casas dos fiéis (Rm 16:5; Cl 4:15); b) Também pode designar a Igreja Universal, a totalidade do corpo de fiéis em todos os tempos, tanto no céu, quanto na terra, que foram salvos ou ainda serão redimidos por Cristo Jesus (Ef 1:22, 3:10, 21; Cl 1:18,24); c) Expressa também a comunidade de fiéis reunidas no mundo inteiro a fim de cultuar e professar uma fé pública a Cristo, sob a autoridade de uma liderança estabelecida (1 Co 12:28; Ef 4:11-16).

Para os reformadores, a verdadeira igreja também é reconhecida por suas marcas particulares. Como resultado da Reforma, surgiu a necessidade de indicadores que diferenciem a verdadeira Igreja de Cristo de suas falsas expressões. Esses critérios, fundamentados na Palavra de Deus, incluem três características essenciais: 1) a fiel pregação da Palavra; 2) a correta administração dos sacramentos; 3) o fiel exercício da disciplina. É fundamental destacar que a marca essencial da Igreja é a pregação fiel da Palavra, pois sem ela não pode haver uma Igreja verdadeira, da qual emanam as demais marcas. A administração dos sacramentos, Ceia

¹⁰³ CLOWNEY, 2007, p. 28; GRAEBIN, João Eder. *O Plantio de Igrejas no Contexto da Missão*. In: Fides Reformata XXVIII, Nº 1 (2023): 73-88, p. 77.

¹⁰⁴ BERKHOF, 2012. p. 993-994; CLOWNEY, 2007, p. 29.

¹⁰⁵ BERKHOF, 2012. p. 947-949.

do Senhor e Batismo, é uma prática intrínseca à Igreja, enquanto o exercício da disciplina, embora presente em outros lugares, é vital para a pureza e integridade da Igreja de Cristo.¹⁰⁶

Assim sendo, a Igreja abrange todos os crentes que foram salvos em Cristo e aqueles que ainda serão. Essa comunidade se manifesta de forma visível através das igrejas locais, onde os cristãos se reúnem para viver de acordo com a Palavra de Deus ministrada fielmente, e são chamados a obedecer às ordenanças deixadas pelo Senhor Jesus. A Igreja, portanto, cumpre seu propósito ao obedecer aos mandamentos estabelecidos por Cristo, sendo um desses claramente expresso a tarefa da Grande Comissão, que foi a última incumbência confiada por Jesus à sua igreja.

Dessa maneira, a Igreja se diferencia das organizações paraeclesiais por sua abrangência em cuidar e alcançar toda a comunidade de fiéis, formando discípulos que congregam em igrejas por meio da comunhão e do batismo. Quando o Evangelho é apresentado e há o desejo de confessar a fé ensinada na congregação, qualquer pessoa pode se tornar membro, sujeitando-se à autoridade e governo da igreja, participando dos sacramentos e submetendo-se à disciplina, uma vez que a igreja está sob a autoridade de Cristo e é edificada de acordo com Sua Palavra. Por outro lado, as organizações paraeclesiais geralmente têm um escopo mais específico, concentrando-se apenas em uma parte do corpo de Cristo, e podem solicitar requisitos específicos para afiliação institucional, representando um compromisso adicional ao feito primariamente com a igreja local. Elas desempenham um papel de apoio e suporte à igreja, com o objetivo último de integrar ao corpo e edificar a Igreja.

Para que a Igreja permaneça fiel à sua natureza e chamado como instituição espiritual edificada por Cristo, é necessário que ela não apenas compreenda sua definição, mas também conheça sua missão, pois um está intrinsecamente ligado ao outro. DeYoung afirma que “a missão da igreja não é tudo que fazemos em nome de Jesus, ou em obediência a Cristo”.¹⁰⁷ Uma boa compreensão da verdadeira missão da igreja não minimiza todas as tarefas que o cristão e a igreja podem realizar frente aos desafios de uma sociedade caída e também não os tornam indiferentes ao sofrimento humano, mas coloca a missão da igreja de ver todos os povos alcançados, adorando e dando devida glória a Deus em posição central da ação da igreja. Mas qual seria a missão da igreja afinal?

¹⁰⁶ BERKHOF, 2012. p. 984.

¹⁰⁷ DEYOUNG, K.; GILBERT, G. *Qual a missão da igreja?*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2012, p.39.

3.1 A Missão da Igreja: tarefa de discipulado de Povos

Muito tem sido produzido, difundido e propagado sobre o conceito da Missão da Igreja, e estabelecer uma definição clara para esse termo é de extrema importância para o cumprimento eficaz dessa responsabilidade da igreja. A ampliação excessiva do conceito, semelhante ao que ocorre com o Evangelho e o reino de Deus, está levando a Grande Comissão a perder seu foco original.¹⁰⁸

Segundo J. H. Bavinck, a Missão é e sempre foi uma responsabilidade da Igreja como instituição. Por Missão ele define a obra do próprio Deus, que por meio de Cristo reconciliou consigo o mundo, tendo o Filho testemunhado às nações (Is 55:4). Como Cristo foi enviado pelo Pai, a igreja é enviada por Cristo (Jo 20:21), e nesse aspecto de ter sido enviada, cabe à igreja institucional a responsabilidade primária pela execução da tarefa missionária, não devendo ser delegada a missionários individualmente ou a outras instituições.¹⁰⁹ O autor descreve a atividade missionária da igreja como fundamentalmente a obra de Cristo realizada por meio da igreja, em que esta, “neste período intermediário, em que o fim é adiado, chama os povos da terra ao arrependimento e à fé em Cristo, para que se tornem seus discípulos e, pelo batismo, sejam incorporados à comunhão daqueles que esperam a vinda do reino”.¹¹⁰

Observa-se que a forma como a igreja compreende sua missão reflete diretamente em sua ação e envolvimento com a obra missionária. Michael Horton, defendendo a definição mais restrita a respeito da missão da Igreja, salienta que há muitas coisas que a igreja pode fazer e se engajar, mas há, entretanto, algo único e primordial que somente ela pode realizar: a Grande Comissão. “A declaração missionária que Jesus fez à sua igreja é um imperativo urgente, que lhe impõe que proclame o Evangelho a todos, a cada ser humano, e que faça discípulos de todas as nações. Desde o princípio o cristianismo tem sido uma fé missionária”.¹¹¹ Quanto a missão da igreja entre as duas vindas de Cristo, Horton ressalta:

Sejam quais forem os efeitos do evangelho na vida de seus ouvintes e na sociedade maior na qual ele é ouvido, a Grande Comissão propriamente dita é um mandato muito específico para fazer chegar a Boa-Nova a todos quantos jazem nas trevas, batizá-los e ensinar-lhes tudo quanto há na palavra de Deus.¹¹²

Keith Ferdinando destaca a importância de conceituar o termo "Missão", considerando que sua abrangência tem crescido ao longo do tempo, o que influencia a compreensão da prática missionária pela igreja. A ambiguidade na interpretação do termo decorre de sua origem

¹⁰⁸ HORTON, 2014, p. 97.

¹⁰⁹ BAVINCK, J. H, 1960, p. 57-60.

¹¹⁰ Ibidem, p. 62.

¹¹¹ HORTON, 2014, p. 92.

¹¹² Ibidem, p. 96-97.

extrabíblica, mas ao longo dos anos tem sido definido como "o envio da igreja ao mundo para fazer discípulos de Jesus Cristo - a dimensão humana da missão do Deus trino"¹¹³. No entanto, o autor identifica quatro grandes correntes que, influenciadas pela sociedade pluralista e pelo aumento do envolvimento do cristão e da igreja no mundo, propõem uma nova compreensão sobre qual seria a missão da igreja, a saber:

(1) *Missio Dei*: tudo o que Deus faz no mundo é missão; (2) Mandato cultural: tudo que Deus faz no mundo por meio de sua igreja; (3) Ação social: evangelização e cuidado das necessidades gerais lado a lado; (4) Fazer discípulos de todas as nações.¹¹⁴

Dessa forma, segundo o autor, a definição mais restrita da missão, centrada em fazer discípulos de todas as nações, deve ter a primazia, uma vez que se a formação de discípulos for vista como apenas uma parte de uma missão mais ampla e abrangente, sua importância pode ser comprometida. O entendimento de Ferdinando acerca dessa definição da missão da igreja tem como base a prática de Jesus no discipulado dos doze, bem como a instrução final da Grande Comissão, que é um chamado explícito para a igreja fazer discípulos, além da estratégia paulina de discipulado individual e treinamento de liderança em vista da plantação de igrejas¹¹⁵.

DeYoung e Gilbert explicam que o termo missão implica em dois aspectos: (1) ser enviado e (2) receber uma tarefa. O primeiro se refere ao fato da palavra missão em latim (*mittere*) significar ‘enviar’. O segundo se relaciona com o primeiro, uma vez que ser enviado a fazer algo carece uma missão específica, e não abrangente, uma vez que “somos chamados a cumprir alguma coisa, e não tudo”.¹¹⁶ Os autores trazem uma definição mais restrita do conceito da missão, com o objetivo de que a igreja, que possui recursos e tempos limitados, não fique perdida em meio a diversos interesses e necessidades onde ela poderia servir e atuar, mas sim para que responda a esse chamado específico de forma intencional. Dessa forma, eles conceituam a missão da igreja como a tarefa de:

ir ao mundo e fazer discípulos, proclamando o evangelho de Jesus Cristo, no poder do Espírito, e reunindo esses discípulos em igrejas, para que eles adorem o Senhor e obedeçam aos seus mandamentos, agora e na eternidade para a glória de Deus, o Pai.¹¹⁷

Ferdinando enfatiza a importância do discipulado e da proclamação do Evangelho como resposta direta à Grande Comissão, ao analisar a relação entre a missão da igreja na evangelização dos povos e seu engajamento social e promoção da justiça. Ao examinar a missão

¹¹³ FERDINANDO, Keith. *Missão: um problema de definição*. In: *Fides Reformata* XXVIII, Nº 1 (2023): 33-52, p. 35.

¹¹⁴ FERDINANDO, 2023, p. 33.

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 44, 51.

¹¹⁶ *Ibidem*, p.18.

¹¹⁷ DEYOUNG, GILBERT, 2012, p. 64.

apostólica descrita no livro de Atos e o testemunho da igreja primitiva, evidencia-se que a prática do discipulado e o estilo de vida decorrente da fé são manifestados por meio dos ministérios de misericórdia. No entanto, tais iniciativas sociais refletem uma compreensão profunda do discipulado, pois o engajamento social dos cristãos depende da presença de crentes comprometidos na sociedade, algo que é alcançado por meio do processo de formação de discípulos maduras.¹¹⁸

Michael Horton faz distinção entre a responsabilidade individual do cristão, chamado a ser testemunha, e a missão específica da Igreja. À Igreja cabe a tarefa de proclamação do Evangelho a toda criação por meio de todos os elementos que fazem a igreja ser Igreja e a sua missão ser a Grande Comissão: ser testemunha por meio de seu ministério de pregação, serviço público de orações, administração dos sacramentos, adoração, comunhão, discipulado, governo e disciplina.¹¹⁹

Hesselgrave destaca que o impacto efetivo dos cristãos na sociedade está intrinsecamente ligado à expansão da igreja em todas as nações, mesmo que existam diversas outras tarefas que os cristãos possam realizar, tanto individualmente quanto coletivamente. No entanto, destaca que poucos desses objetivos serão alcançados, a menos que novos crentes sejam adicionados às igrejas locais, novas igrejas locais sejam estabelecidas e incorporadas à Igreja Universal, e as igrejas existentes cresçam em direção à plenitude daquele que é a sua Cabeça, Cristo. Dessa forma, o autor destaca que a missão da igreja é “proclamar o Evangelho de Cristo e reunir os crentes em igrejas locais onde podem ser edificados na fé e tornados eficazes no serviço, e assim implantar novas congregações no mundo inteiro”.¹²⁰

Ronaldo Lidorio, ao examinar a missiologia do reformador holandês Gisbertus Voetius, destaca sua compreensão de que o envolvimento da igreja para com os necessitados e a promoção da justiça são elementos intrínsecos à vida cristã. Essa perspectiva reflete uma doutrina alinhada à piedade, indicando que esses aspectos não devem ser dissociados da prática missionária da igreja. No entanto, Voetius ressalta que a proclamação do Evangelho deve ser a principal prioridade da igreja, em conformidade com sua missão essencial de proclamar o Evangelho para a conversão dos perdidos, com o fim último de glorificar a Deus.¹²¹

¹¹⁸ FERDINANDO, 2023, p. 46.

¹¹⁹ HORTON, 2014, p. 97.

¹²⁰ HESSELGRAVE, David. J. Plantar Igrejas, um guia para missões nacionais e transculturais. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 13-14.

¹²¹ LIDORIO, Ronaldo. *Teologia, piedade e missão: a influência de Gisbertus Voetius na missiologia e no plantio de igrejas* [livro eletrônico]. São Paulo: Hebrom, 2021, p. 103-107.

Ao fazer um panorama da missão da Igreja nos Evangelhos, em Atos e epístolas paulinas, DeYong resume:

Mateus enfatiza o discipulado. Lucas e Atos ressaltam o ser testemunha. E João salienta a natureza teológica de sermos enviados. (...) Vemos em Atos que a responsabilidade de fazer discípulos foi dada a mais do que aos doze apóstolos. Vemos a mesma coisa nas epístolas de Paulo e em seu próprio ministério. A Grande Comissão é para toda a igreja.¹²²

Quando o Senhor Jesus deixa uma ordem aos seus discípulos, nos textos da Grande Comissão e no início de Atos dos Apóstolos, é possível compreender o conceito bíblico da Missão da Igreja. Entende-se que a Missão implica no envio autorizado da parte de Deus, que enviou Seu Filho ao mundo (João 17.18) e na mesma autoridade enviou os apóstolos e a Igreja hoje (Mateus 28.18) para pregar e testemunhar do Evangelho (Lucas 24.46-48) às nações (Mateus 28.19, Marcos 16.15), fazendo discípulos por meio do ensino e do batismo (Mateus 28.20). Para cumprir essa missão a Igreja é extraordinariamente capacitada pelo Espírito Santo (Atos 1.8) sob Sua eterna companhia (Mateus 28.20).

Esse dever e privilégio da igreja de fazer discípulos deve ser vista como uma tarefa global, e não apenas de atuação local. Ronaldo Lidório resalta que a ordem de Cristo na Grande Comissão compreende uma atuação sem fronteiras, uma vez que essa responsabilidade é ampliada quando menciona “de todas as nações”, em que o termo abrange todas as regiões habitadas da terra, visando ver a glória de Deus entre todos os povos.¹²³

A motivação missionária da igreja para essa tarefa transcultural está expressa nas alianças estabelecidas por Deus com seu povo durante toda a narrativa bíblica, cuja iniciativa da missão parte de Deus em chamar para salvação povos de todas as tribos, línguas e nações, declarando o desejo divino de ser adorado entre todas as regiões da terra (Gn 12:1-3; Ap 5:9).¹²⁴

Fazemos missões conscientes de sua promessa: que há, entre todos os povos, línguas, tribos e nações, pessoas que virão ao Senhor Jesus. O trabalho não será em vão. A semente lançada há de germinar entre todos os povos da terra e nisto será Ele glorificado. Essa é uma grande motivação missionária.¹²⁵

De maneira prática, para que as igrejas locais cumpram sua missão, é essencial que pastores, líderes e oficiais locais assumam a responsabilidade de impulsionar o avanço do Evangelho e o crescimento das igrejas tanto no país quanto no exterior. Isso requer o despertar, treinamento e envio de vocacionados, assim como a mobilização da participação dos leigos nesse desafio. Além disso, a igreja local precisa fornecer um ambiente propício para o

¹²² DEYOUNG, GILBERT, 2012, p. 60.

¹²³ LIDÓRIO, Ronaldo. *Missões, o desafio continua*. Belo Horizonte: Betânia, 2003, p. 20,35.

¹²⁴ LIDÓRIO, 2021, p. 117.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 118.

desenvolvimento e uso dos dons e talentos de seus membros. Hesselgrave destaca que é dever da igreja assumir essa responsabilidade, porém, uma vez que todos são responsáveis, há o risco de ninguém tomar a liderança nessa tarefa. “Alguém deve tomar a iniciativa e, avançando para novas áreas, dar orientação ao empreendimento da implantação das igrejas. É a responsabilidade das igrejas existentes responder ao Espírito Santo e cuidar para que tais obreiros sejam disponíveis”.¹²⁶

Tal tarefa dada aos discípulos se estende às igrejas hoje, uma vez que “ela não foi atribuída somente aos apóstolos, eles receberam o mandamento como representantes da igreja que permanece até o fim dos tempos”.¹²⁷ Ao comentar sobre a quem a mensagem da Grande Comissão foi destinada, Michael Horton ressalta que, como igreja, não somente os apóstolos foram incubidos dessa tarefa, ou os ministros ordenados que viriam a sucedê-los, mas sim todos os crentes “são dotados dessa autoridade real para proclamarem as virtudes daquele que vos chamou das trevas para sua maravilhosa luz (1 Pe 2.9)”.¹²⁸

3.2 O cristão: missão e chamado

White salienta que todo cristão tem a responsabilidade individual de exercer seus dons e talentos para a glória de Deus, tanto dentro quanto fora da igreja local. As organizações paraeclesiais, como manifestação da igreja visível, encontram espaço nessa liberdade individual do cristão de expressar seu chamado com criatividade e intencionalidade, por meio de diferentes estruturas e formas de atuação, a fim de serem testemunhas na sociedade ao mesmo tempo em que equipam biblicamente o Corpo de Cristo. Entretanto, salienta que, independentemente do ministério que um cristão venha a exercer fora da autoridade da igreja, é de extrema importância que ele, enquanto indivíduo, faça parte de uma igreja local. Nesse contexto, deve prestar contas à igreja, reconhecendo que a ela cabe a responsabilidade de exercer autoridade, liderança e oferecer suporte espiritual, emocional e disciplinar, quando necessário.¹²⁹

Os membros de uma igreja local não são impedidos de formar outras associações para fins espirituais. As estruturas paraeclesiais são constituídas individualmente por crentes em torno de um propósito comum, fazem parte da igreja universal tanto quanto qualquer congregação local.¹³⁰

¹²⁶ HESSELGRAVE, 1995, p. 99.

¹²⁷ PIPER, John. *Alegrem-se os Povos: a supremacia de Deus nas Missões*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p.166.

¹²⁸ HORTON, 2014, p. 99.

¹²⁹ WHITE, 1983, p. 82.

¹³⁰ Ibidem, p, 81. “Minha tradução”.

Tanto as organizações quanto a igreja dependem de cristãos comprometidos como parte essencial de seu quadro de recursos humanos. O cristão é chamado a exercer seus diferentes dons e talentos na igreja para edificação do corpo de Cristo (Ef 4:11-13). No entanto, o local primário onde os crentes são chamados a ser sal e luz é no mundo (Mt 5:13-16). “Muitos cristãos foram chamados para exercer seus ofícios na igreja, mas a maioria é chamada para ofícios no mundo”.¹³¹ Entretanto Horton alerta sobre os riscos da evasão de crentes comprometidos para as organizações, em detrimento do serviço na igreja local e comprometimento a uma comunidade de fé, deixando de exercer seus deveres e privilégios como parte do Corpo de Cristo.

Kevin DeYoung faz uma diferenciação quanto a vocação individual do crente e a vocação da igreja. Isso se faz necessário a fim de não gerar uma falsa culpa nos cristãos em responsabilizar a igreja pela solução de todas as mazelas da sociedade. Há um perigo em delegar à igreja causas pessoais a qual o cristão é envolvido, por mais necessárias, urgentes e atuais que essas pautas sejam. Uma igreja não consegue e nem deve abraçar todas as causas deste mundo corrompido e manchado pelo pecado. Ter esse pensamento gera uma errônea sensação de que a igreja está falhando em ser relevante na comunidade, além de incentivar um ativismo exacerbado dentro da igreja em detrimento de sua tarefa proclamatória.¹³²

Aquilo que o cristão realiza no mundo por vezes é considerado como uma expressão da igreja, muitas vezes chamado de “ser igreja”. No entanto, a vocação específica da igreja é a proclamação do Evangelho da redenção e a pregação da mensagem de reconciliação entre o homem e seu Criador. Esta tarefa, segundo H. J. Bavinck, descansa sobre a “Igreja como Instituição”. Sobre essa diferenciação Bavinck explica:

Como toda questão que surge em conexão à relação da igreja com missões, é a questão de saber se a "igreja" se refere exclusivamente à igreja em sua forma institucional ou se também devem ser consideradas as atividades missionárias de crentes individuais. A comissão missionária oficial repousa sobre a igreja em sua forma institucional. Mas já vimos que Paulo notou expressamente a atividade dos membros comuns da igreja e considerou seu próprio trabalho como estando em estreita ligação com o deles. O membro comum da igreja, em virtude do sacerdócio de todos os crentes, pode exercer seu ministério individualmente e também pode ser orientado por organizações.¹³³

Entretanto, todo cristão ao se envolver na sociedade, seja qual for a tarefa que venha executar, de forma individual ou ligada a organizações paraeclesiásticas, deveria ter em mente seu papel de testemunha para que essa tarefa missionária seja cumprida, de forma a não

¹³¹ HORTON, 2014, p. 230.

¹³² DEYOUNG, Kevin; KLUCK, Ted. *Por que amamos a Igreja*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 38-42.

¹³³ J. H. BAVINCK, 1960, p. 60. “Minha tradução”.

terceirizá-la para missionários e liderança somente, uma vez que a participação leiga é de grande valia para expansão do Evangelho, especialmente em áreas acessíveis onde a igreja está sendo desenvolvida.¹³⁴

Sendo assim, é importante ressaltar também que a principal missão dada por Deus ao homem em Gn 1.28¹³⁵ está completamente alinhada com o seu propósito geral em ter adoradores espalhados por toda a terra e ver Seu Reino aqui expandido. O mandato cultural dos cristão adoradores deve estar sempre sujeito ao seu principal propósito de ser, o mandato missionário. Toda a narrativa bíblica revela o desejo de Deus de chamar para si um povo adorador, a principal identidade de Israel bem como da Igreja hoje (Ex 19: 5,6; 1 Pe 2:9,10) é ser um povo adorador e missionário ao mesmo tempo, mostrando que adoração e missão caminham lado a lado¹³⁶.

Quanto à diversidade de ministérios de um cristão, o texto bíblico de Efésios 4:11 traz algumas distinções entre as diferentes vocações ministeriais, visando a edificação da igreja, seu fortalecimento e o cumprimento de sua missão. Nesse contexto, Lidório destaca a necessidade de reconhecer uma vocação específica e funcional para o trabalho missionário transcultural, especialmente em áreas onde Cristo ainda não foi anunciado (Rm 15:20). Esse tipo de ministério requer preparo especializado e geralmente envolve um compromisso de longo prazo.¹³⁷

Hesselgrave, ao examinar o envio de Paulo e Barnabé pela Igreja de Antioquia conforme registrado em Atos 13:1-4, destaca a atuação paralela de Deus junto à igreja, líderes e vocacionados no tocante ao processo de chamado específico e envio missionário. Ele observa que Deus orientou tanto a igreja quanto os obreiros durante todo o processo do chamado até o envio para o campo, agindo tanto de forma coletiva quanto individual.¹³⁸ Esse episódio pode servir como um princípio prático na parceria entre a igreja e o missionário, enfatizando que ambas as partes devem reconhecer que a iniciativa primária da missão vem do próprio Deus, a quem a missão pertence e não é conduzida pelo homem.

Segundo Hesselgrave, foi o próprio Deus quem despertou a igreja para a necessidade de levar o Evangelho a regiões específicas, comunicando aos líderes locais quais servos Ele

¹³⁴ HESSELGRAVE, 1995, p. 99.

¹³⁵ Gn 1.28 “E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.” Versão ARA. Esse versículo é comumente conhecido como mandato cultural do cristão.

¹³⁶ CHUNG, Chun Kwang. *Missão primordial: os fundamentos da missão em Gênesis 1-11*. São Paulo: Missiológica, 2019, p. 35-38.

¹³⁷ LIDÓRIO, Ronaldo. *Vocacionados*. Viçosa: Editora Ultimato, 2014, p. 17.

¹³⁸ HESSELGRAVE, 1995, p. 103.

desejava que fossem separados para essa missão específica (At 13:2,3). Bem como demonstra o reconhecimento da liderança quanto ao chamado dos obreiros e o envio autorizado da igreja para essa obra. É importante destacar que o chamado específico de Paulo, registrado na Bíblia, e o de Barnabé ocorreram antes desse episódio.¹³⁹ No entanto, eles se submeteram à liderança da igreja, aguardando que Deus indicasse o momento oportuno para o envio. Após serem enviados, os ministros voltam a Antioquia e compartilham tudo o que aconteceu durante a missão, prestando contas à igreja sobre suas atividades missionárias (At 14: 26-28). Do chamado ao envio, o autor destaca a ação divina na obra missionária de forma coletiva e individual:

Dentro do horário de Deus, os missionários-evangelistas foram selecionados pelo Espírito, separados para o trabalho, receberam licença dos seus seguidores crentes, e foram enviados pelo Espírito com a imposição das mãos. Este comissionamento oficial subentende tanto uma bênção quanto um reconhecimento. Era uma bênção porque os que os enviaram reconheceram que aqueles que estavam sendo enviados tinham sido chamados e equipados para a tarefa; estavam saindo com a aprovação da igreja.¹⁴⁰

Dentro da Teologia Reformada, Medeiros comenta sobre a iniciativa de Deus nas missões, chamado e capacitação missionária de obreiros e a responsabilidade da Igreja perante a tarefa missionária:

Os reformadores, especialmente João Calvino, acreditavam que a Igreja deveria pregar o evangelho em todo o mundo. Eles também acreditavam que Deus é o responsável pela capacitação, tempo e envio de tais pregadores, que é o ensino das Escrituras desde Gênesis até Apocalipse. Os patriarcas, os profetas, os sacerdotes, os apóstolos, os discípulos e o povo de Deus em geral, não se convocaram para tal trabalho. Deus os chamou, capacitou-os e os moveu para onde Ele desejasse que estivessem.¹⁴¹

Sobre a missão da Igreja de enviar, Arthur comenta: “quando um missionário é enviado por uma dentre os milhares de missões, ainda há a necessidade de a igreja ser o corpo primário que envia, uma vez que missão é o trabalho da igreja - a igreja universal, por meio de uma igreja local, particular”.¹⁴²

Um princípio central destacado nesse relato de Atos, além do chamado específico para missionários, é de que estes não devem atuar de forma autônoma ao partirem para os campos. É crucial que aguardem o envio pela igreja, com a confirmação de seu chamado por uma liderança coletiva e o apoio fiel desses líderes para o ministério. Dessa maneira, reforçam a iniciativa da igreja para com a missão, e terão todo respaldo necessário para realizar essa

¹³⁹ HESSELGRAVE, 1995, p. 103.

¹⁴⁰ Ibidem, p. 103.

¹⁴¹ MEDEIROS, 2013, p. 126. “Minha tradução”.

¹⁴² ARTHUR, 2017, 12 (1), p. 9.

empreitada, como parte de um esforço mais amplo da obra divina, conduzida em colaboração por todo o corpo de Cristo.

4. IMPACTO DA APMT NO MOVIMENTO MISSIONÁRIO DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL

A Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), fundada em 1862, surgiu como resultado da iniciativa missionária da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, liderada pelo Pastor Ashbel Green Simonton. Sua chegada ao Brasil, em agosto de 1859, marcou o início de um significativo empenho missionário que influenciou profundamente a história da denominação, culminando na organização da primeira igreja presbiteriana no ano seguinte. Desde então, a IPB tem investido na evangelização nacional, estabelecendo igrejas em todo o território brasileiro. A formação do primeiro presbitério em 1860 e do primeiro seminário em 1867, além da criação do primeiro sínodo em 1888, refletem o crescimento e desenvolvimento da denominação. Em 1911, a igreja nacional deu um passo adiante ao enviar seu primeiro missionário para Portugal, com investimentos da missão americana, embora esse esforço tenha sido de curta duração, com a denominação priorizando principalmente seu crescimento interno desde então.¹⁴³

Percebe-se que, apesar de ser resultado do trabalho missionário, a visão missionária não estava presente desde o momento inicial da formação da igreja. Até 1966, a atuação da IPB na obra missionária estrangeira consistia em colaborar com as igrejas existentes em países como Portugal, Chile, Venezuela, enviando obreiros e fornecendo apoio financeiro proveniente da Igreja dos Estados Unidos. Somente a partir desse ano é que a IPB passou a investir em seu primeiro campo transcultural, iniciando os trabalhos no Paraguai, por meio da criação da JME - Junta de Missões Estrangeiras, visando uma atuação missionária transcultural totalmente dirigida pela igreja nacional.¹⁴⁴

Em 2000, a JME passou por uma reestruturação abrangente da dinâmica, estrutura e logística missionária. Com o objetivo de ampliar o alcance global da denominação e estender sua atuação para campos transculturais dentro e fora do Brasil, a organização foi renomeada para APMT - Agência Presbiteriana de Missões Transculturais. Essa mudança refletiu não apenas na expansão da atuação da agência para além das fronteiras nacionais, mas também em seu compromisso com a evangelização de grupos diversos dentro do país, incluindo comunidades de migrantes e diásporas, bem como grupos minoritários como indígenas, ciganos e quilombolas.

¹⁴³ MEDEIROS, 2000, p. 143.

¹⁴⁴ APMT. *História*. Disponível em: <<https://apmt.org.br/historia>>. Acesso em: 9 mar. 2024.

Como denominação, a Igreja Presbiteriana do Brasil tem adotado medidas significativas para promover a obra missionária, considerada uma ordenança concedida por Deus à sua Igreja. Em 2002, o Supremo Concílio da IPB, por meio do documento intitulado "Filosofia de Missões" (SC-IPB-2002 Doc. LXVIII) definiu o foco da missão com base no propósito e objetivo delineados pelo Pacto de Lausanne: o Evangelho completo para toda a pessoa. Dentro dessa mesma filosofia de missões, foi estabelecida uma resolução determinando que 55% dos dízimos arrecadados pelas igrejas, juntamente com ofertas ou doações destinadas a fins missionários, sejam direcionados ao Fundo Missionário Cooperativo. Este fundo tem a responsabilidade de gerenciar os recursos destinados às agências missionárias oficiais da IPB, da qual a APMT está incluída. Esse foi um marco histórico para a denominação, demonstrando sua prioridade no investimento para o avanço da obra de Deus.¹⁴⁵

A liderança da missão é composta por um executivo administrativo e um executivo operacional atuando em tempo integral, juntamente com uma diretoria e uma assembleia nomeada pelo Supremo Concílio da IPB. A APMT, enquanto uma autarquia da IPB, detém uma autonomia relativa para tomar decisões concernentes a projetos, estratégias e avanços missionários. No entanto, está sujeita à prestação de contas às instâncias superiores da denominação, assegurando transparência e rigor na gestão financeira, além de aderência estrita às doutrinas e teologia reformada da IPB. Este compromisso com a prestação de contas é essencial para garantir a integridade e fidelidade da missão, tanto em termos administrativos quanto teológicos, enquanto atua como agência missionária denominacional.

Comparando com o ano de seu estabelecimento em 2000, quando contava com apenas 90 missionários distribuídos em 27 países, é evidente o significativo crescimento da APMT ao longo dos anos.¹⁴⁶ Em dezembro de 2023, a APMT contava com 287 missionários, desenvolvendo 172 projetos em 38 países dos cinco continentes. Além dos ministérios em centros urbanos no exterior, têm desenvolvido projetos em 16 grupos étnicos dentro do Brasil, como quilombolas, refugiados afegãos, imigrantes hispânicos e árabes no Brasil.

É importante destacar que dentro do contexto missionário presbiteriano, isto é, dentre todos os missionários presbiterianos em atividade enviados por diversas agências e igrejas, a APMT representa uma força significativa, correspondendo a 62% deste contingente.¹⁴⁷ Esse

¹⁴⁵ APMT. *Filosofia de Missões da IPB*. Disponível em: <<https://apmt.org.br/filosofia-de-missoes/>>. Acesso em: 9 mar. 2024.

¹⁴⁶ SILVA, Cacio. *Força Missionária Transcultural da IPB: Breve Análise Quantitativa e Qualitativa*. Relatório interno da APMT, 2022. Acesso em: 9 mar. 2024.

¹⁴⁷ SILVA, 2022. p. 2-4.

aumento expressivo no número de missionários demonstra o comprometimento contínuo da APMT, bem como da denominação com a expansão da obra missionária transcultural.

4.1 Atuação da APMT

Respeitando sua natureza paraeclesial, a APMT, por meio de seus departamentos, busca ser uma ferramenta útil para a igreja, mobilizando, treinando e capacitando tanto a igreja quanto os missionários para a missão. Seus esforços visam preparar os missionários para atuarem de forma efetiva em contextos transculturais, fornecendo direcionamentos específicos para sua atuação ministerial e geográfica. Como agência missionária denominacional, a APMT tem como objetivo servir estrategicamente à Igreja Presbiteriana na expansão do Evangelho. Por meio de suas iniciativas, a IPB conseguiu estabelecer presença missionária em locais estratégicos dos cinco continentes, desenvolvendo projetos missionários em diversas áreas, com um foco primordial na plantação de igrejas.

Na esfera das regiões mais desafiadoras para a disseminação do Evangelho, a APMT tem desempenhado um papel crucial ao fornecer estratégias e expertise por meio de iniciativas missionárias, facilitando assim o acesso da Igreja a áreas que, provavelmente, seriam de difícil alcance para uma congregação local.

Com base em dados e análises fornecidos pela agência, a APMT está atualmente envolvida no desenvolvimento de 24 projetos destinados a grupos étnicos ou segmentos socioculturais específicos, conhecidos como projetos de cunho etno-cultural. Esses projetos demandam compreensão e fluência em uma língua étnica ou minoritária para atender às necessidades específicas dessas comunidades.¹⁴⁸

No contexto urbano-nacional, que abrange ministérios em áreas urbanas com a população local, foram identificados 75 países com menos de 2% de evangélicos, considerados prioritários para o esforço missionário. Destes, 37 países têm menos de 5% de cristãos, destacando-se como regiões de extrema carência missionária. Dentro desse grupo, a APMT está presente em 11 países.

Os principais projetos ministeriais atualmente realizados pela APMT podem ser categorizados da seguinte forma, em ordem crescente: 1) apoio, projetos desenvolvidos junto a uma igreja e instituição existente, como evangelização, discipulado, administração, projeto social e afins; 2) Plantio de igrejas; 3) Formação de liderança; 4) Pastoreio; 5)

¹⁴⁸ SILVA, 2022. p, 3,4.

Coordenação/ direção de agência/liderança de equipe; 6) Tradução da Bíblia; 7) Treinamento/ mobilização; e 8) Revitalização.

Como agência missionária, a APMT desempenha um papel crucial na preparação missionária dos candidatos ao campo. Para capacitar os vocacionados, que são recomendados e enviados primeiramente pela igreja local, um dos requisitos para filiação à agência é frequentar o CFM - Centro de Formação Missiológica. Este centro oferece disciplinas introdutórias, missiológicas, teológicas, estratégicas e metodológicas aos alunos, além de proporcionar um estágio transcultural prático em campos da APMT para avaliação e treinamento intensivo do candidato. Esse preparo é fundamental para preparar um obreiro para desafios de cosmovisão, linguístico, geográfico, cultural e de cosmovisão, visando uma contextualização adequada e integral do evangelho a realidades diferentes da igreja brasileira. É interessante observar que este curso está aberto a pessoas de diferentes agências e denominações, bem como a membros da igreja local que desejam aprofundar seu conhecimento missionário para a atuação local, visando a edificação da Igreja como um todo e não apenas da denominação.

Com base em seu Planejamento Estratégico para os próximos 10 anos, a agência planeja expandir seu contingente de missionários e projetos por meio de uma nova estratégia global. O foco principal é investir em países onde a presença de cristãos evangélicos é inferior a 3%, com o objetivo de ampliar o alcance do Evangelho em áreas de maior necessidade missionária.¹⁴⁹

4.2 Planejamento Estratégico Global da APMT (2023-2033)

No ano de 2023, após duas décadas de atuação como agência missionária, a APMT adotou novas estratégias missionárias por decisão de sua Assembleia, visando orientar sua atuação frente aos desafios globais da atualidade. A estratégia definida para critérios de expansão foi: “o norteador de avanços da APMT será, prioritariamente, o plantio de igrejas em países e povos menos evangelizados e com pouco acesso ao Evangelho”.¹⁵⁰

Com estes norteadores estratégicos, pode-se perceber que a APMT será definida por sete conceitos-chave: 1) "norteador de avanços" define os critérios de expansão; 2) "prioritariamente" indica que a agência pode realizar outras atividades, 4) mas o plantio de igrejas é sua prioridade máxima; 4) foco em "países" refere-se a ministérios em contextos

¹⁴⁹ SILVA, Caio. *Planejamento Estratégico Global da APMT 2023-2033*. Revista Alcance, Vol. XX, No.90 / 4º Trim 2023, Órgão informativo da APMT, p. 110-11. Acesso em: 9 mar. 2024.

¹⁵⁰ SILVA, 2023, p. 10.

urbanos visando estabelecer parcerias com denominações reformadas nacionais; 5) enquanto "povos" diz respeito a ministérios etno-culturais; 6) ambos visam atingir grupos "menos evangelizados", que contém menos de 3% de evangélicos, 7) e com "pouco acesso ao Evangelho", conforme descrito em Romanos 10:14.

É interessante destacar a prioridade atribuída à missão ao determinar que o plantio de igrejas será a principal ênfase ministerial da agência. Durante uma resolução da Diretoria da APMT, realizada em junho de 2023, após uma Consultoria Institucional conduzida pelo Rev. Ronaldo Lidório, teólogo, missiólogo e missionário da agência, bem como da Missão WEC, foi ressaltada a importância, respaldada por pesquisas, de que os projetos de evangelização de povos devem incluir o plantio de igrejas. Isso visa garantir que o trabalho missionário seja duradouro e tenha um impacto significativo nas próximas gerações.¹⁵¹

Tal compreensão levantada por Lidório está em parte relacionada com sua pesquisa acerca da Teologia Bíblica de Missões de Gisbertus Voetius, reformador holandês mencionado anteriormente. Para o reformador, a missão da Igreja está relacionado como o estabelecimento do Ministério da Palavra e tinha como alvo: a conversão pessoal dos perdidos por meio da proclamação do Evangelho, do plantio de igrejas locais zelosas na doutrina e moral cristã e a glória de Deus entre todos os povos. Voetius defendia que o plantio de igrejas era uma parte vital da missão da igreja, pois permitia que a mensagem do Evangelho alcançasse novos territórios e povos, e se perpetuasse por várias gerações. Segundo Lidório, as características da missiologia de Voetius podem ser resumidas em: teocêntrica (*Soli deo Gloria*), trinitária (*Missio Dei Trinitatis*), eclesiástica (por meio da Igreja) e missionária (chamada às nações).¹⁵²

Quanto ao aspecto da missão eclesiástica, é interessante observar que Voetius enfatizava a responsabilidade da missão, do envio e do plantio de igrejas como uma ação exclusiva da igreja e não de governos ou organizações paraeclesiásticas. Segundo o reformador, por meio da igreja, os missionários e plantadores seriam treinados e enviados para estabelecer o Ministério da Palavra e plantar igrejas, visando o auto-governo e o auto-sustento.¹⁵³

Tal entendimento de que a obra missionária deveria ser realizada dentro do âmbito eclesiástico, seja localmente ou por meio de seus sínodos, deve ser analisado levando em consideração o contexto de Voetius durante a expansão missionária no séc XVII. O reformador holandês era um grande opositor da forma como as atividades missionárias eram promovidas

¹⁵¹ IPB. *Novas estratégias missionárias da APMT: os desafios e avanços do campo missionário*. 2023. Disponível em: <https://www.ipb.org.br/conteudos_detalle?conteudo=1276>. Acesso em: 9 mar. 2024.

¹⁵² LIDÓRIO, 2021, p. 11-15.

¹⁵³ Ibidem, p. 99.

pela Igreja Católica, que, além de incentivar um cristianismo nominal nas colônias, realizava o envio e comissionamento de missionários mediante a autoridade papal, rejeitando a autoridade de Cristo como Cabeça da Igreja. Voetius também se opunha à ideia de que príncipes e magistrados pudessem enviar missionários e, de certo modo, influenciar politicamente as igrejas plantadas nas colônias. Caso contrário, a missão dependeria exclusivamente da vontade arbitrária e dos interesses dos governantes, podendo ser interrompida caso estes se opusessem a ela. Mesmo em se tratando do trabalho missionário Holandes promovido pela Companhias das Índias Ocidentais e Orientais, Voetius era de opinião que tais grupos comerciais também não possuíam o direito de enviar missionários às colônias. Para o reformador, apesar das Companhias promoverem o apoio financeiro para as atividades missionárias, juntamente com as autoridades civis, esse respaldo “não traz consigo o direito de chamar ou enviar missionários”, uma vez que segundo as Escrituras (Romanos 1:1-2; 10:15), a autoridade para a propagação do Evangelho deve recair exclusivamente sobre a Igreja.¹⁵⁴

Lidório destaca, entretanto, que a compreensão de Voetius sobre a missão de Deus e da Igreja teve dimensões à frente de seu tempo e trouxe grande impacto para a missiologia reformada. Contudo, de forma pontual, Lidório observa que a perspectiva limitada de Voetius, que vê a missão como uma tarefa exclusiva da igreja institucional, não reconhece adequadamente as iniciativas promovidas por organizações paraeclesiais, tanto dentro quanto fora da Igreja, especialmente das agências missionárias. Essa questão veio a ser discutida e promovida por William Carey tempos depois. Assim, Lidório enfatiza a importância de validar a ação dessas organizações, tanto por necessidade quanto por oportunidade, buscando uma atuação mais especializada para promover o reino de Deus em áreas mais necessitadas.¹⁵⁵

Apesar das contradições nesse aspecto em questão, a aplicação da teologia de Voetius por Lidório como um dos norteadores estratégicos da APMT demonstra como as igrejas e agências missionárias podem trabalhar juntas, em sinergia e parceria, visando a expansão do Evangelho para a glória de Deus. As regiões-alvo onde a APMT pretende atuar nos próximos anos, por meio da plantação e do estabelecimento de igrejas locais, visam trazer a Igreja Institucional para o campo missionário. É preciso a Igreja para a perpetuação do Evangelho nas futuras gerações, bem como para a sustentabilidade e manutenção do trabalho missionário da agência, por meio de seus missionários, tanto nessas regiões mais carentes, bem como em outros locais necessitados da presença de esforços missionários. Por sua vez, a Igreja encontra na agência uma facilitadora para avançar em campos pioneiros e desafiadores, contando com sua

¹⁵⁴ JONGENEEL, J.A.B, 1991, p. 58-59.

¹⁵⁵ LIDORIO, 2021, p. 99, 100.

expertise para propagar a mensagem do Evangelho àqueles que não ouviram ou não compreenderam a poderosa mensagem salvadora de Jesus Cristo.

O papel da Igreja local na obra missionária, especialmente da Igreja Presbiteriana, também se faz presente no envio de obreiros. A agência por si só não consegue, e nem deveria, atuar nessas regiões sozinha, uma vez que não é ela, e sim as igrejas locais e presbitérios que enviam os missionários aos campos, com o suporte da APMT. A agência, por si mesma, não comissiona nenhum missionário; estes devem ser recomendados e enviados por uma igreja em primeira instância para posteriormente integrarem o quadro de missionários da Agência.

Pode-se observar que a Igreja Presbiteriana do Brasil, por meio da APMT, tem se dedicado incansavelmente à missão da Igreja, testemunhando um contínuo crescimento de novos obreiros e projetos missionários direcionados a povos não alcançados e não evangelizados, tanto no Brasil quanto no mundo. A atuação missionária da denominação tem sido marcada pela mobilização e envolvimento das igrejas locais, incentivando parcerias entre membros e congregações com os missionários e projetos da agência. No entanto, esse crescimento e cooperação ainda têm potencial para expansão, tanto em termos de aumento do número de igrejas parceiras dos missionários, quanto no investimento na obra da agência e no envio de mais obreiros, visando fortalecer ainda mais a presença missionária presbiteriana e reformada, por meio da APMT, em regiões de pouco acesso ao Evangelho.

O crescimento da força missionária da IPB, quando comparado ao vasto número de igrejas e membros presbiterianos no Brasil, ainda revela um potencial significativo não explorado. De acordo com dados do Supremo Concílio da IPB até 2021, a denominação contava com 702.947 membros e 6.360 igrejas, congregações e pontos de pregação.¹⁵⁶

Entretanto, a escassez de dados específicos sobre a participação dessas igrejas no trabalho missionário da APMT sugere a necessidade de pesquisas adicionais para uma compreensão mais abrangente dos fatores que influenciam o envolvimento ou a ausência dele na obra missionária transcultural da IPB, conduzida por sua agência missionária, a APMT. Esta análise mais detalhada poderia ser conduzida tanto no âmbito acadêmico quanto por meio de outras abordagens investigativas, destacando a importância de estudos futuros sobre este tema.

¹⁵⁶ EXECUTIVA IPB. *Estatísticas, 2021*. Disponível em: <<https://www.executivaipb.com.br/estatisticas/>>. Acesso em: 9 mar. 2024.

CONCLUSÃO

Considerando o legado histórico das organizações missionárias, sua capacidade e experiência para enfrentar os desafios globais, torna-se evidente a importância e a relevância dessas agências. A utilidade e oportunidade dessas instituições são fundamentais para o avanço do Reino de Deus, especialmente para a expansão da obra missionária. É crucial que tanto as igrejas quanto as agências missionárias trabalhem em conjunto, buscando alcançar esse objetivo comum. Essa colaboração mútua é crucial para maximizar os esforços e impactar positivamente o mundo com o Evangelho.

Mostra-se essencial que as organizações promovam e apoiem o trabalho da igreja sem tentar substituí-la. Se uma igreja não está cumprindo com seu papel de testemunha, a solução não está na proliferação excessiva de organizações paraeclesiais, de forma que os cristãos possam exercer seu chamado à parte da estrutura eclesial, mas sim, que esta igreja busque se reformar a fim de exercer seu propósito original como Igreja.

Essa tarefa da igreja de se reformar é de extrema importância, uma vez que “não há uma missão sem igreja, e nem uma igreja sem missão”,¹⁵⁷ e por isso ela precisa se manter relevante em sua tarefa de discipulado e evangelização, tanto local, quanto transcultural em uma sociedade pós-moderna influenciada pelo secularismo e pluralismo. Isso implica na compreensão do privilégio da Igreja de testemunhar não apenas localmente, mas também de enviar missionários além das fronteiras geográficas e culturais. No entanto, é importante que a igreja não terceirize essa responsabilidade, mas sim a encare como prioritária, investindo significativamente nessa missão, provendo recursos e apoio para que o trabalho seja realizado de maneira eficaz e saudável.

O envio de missionários de forma autônoma, sem o respaldo eclesiológico e o apoio financeiro, espiritual e emocional adequados pelas igrejas enviadoras, pode promover efeitos negativos para a obra missionária. Essa abordagem pode comprometer a eficácia e a sustentabilidade da missão, além de inibir a parceria, a prestação de contas e a transparência das agências e missionários às igrejas, atributos necessários para um princípio de excelência e integridade no trabalho missionário. Em vez de promover um espírito de independência, é necessário investir esforços para reformar a visão limitada das igrejas sobre seu papel missiológico, contando com o apoio de organizações no auxílio, mobilização, treinamentos e ferramentas que possam auxiliar a igreja nesse comissionamento.

¹⁵⁷ HORTON, 2014, p. 17.

Em uma sociedade cada vez mais secularizada, enfrentando um declínio da Igreja e o crescimento de outras religiões, é essencial considerar a expertise das agências missionárias para que a Igreja cresça e se expanda em regiões ainda não alcançadas pelo Evangelho. Embora uma igreja grande, com recursos e membros disponíveis, possa ser capaz de prover treinamento e investir de maneira consistente nessas tarefas, essa não é a realidade de muitas igrejas.

Ademais, é necessário que os missionários estejam adequadamente preparados para essa empreitada. Hoje essa formação pode acontecer inicialmente na esfera da igreja local, onde obreiros são chamados e preparados para uma tarefa e, posteriormente, direcionados para agências missionárias e seminários, a fim de uma capacitação específica e aprofundada, tendo em mente os desafios e realidades dos campos missionários e de uma igreja global.

Para enfrentar esses desafios, é necessário unir esforços, e a igreja pode se beneficiar significativamente das atuações das agências para cumprir com sua missão primordial. A igreja é o agente instituído por Deus para cumprir a tarefa missionária, porém é essencial considerar a realidade de uma igreja global, e não apenas de uma igreja local ou denominação específica. No que tange a expansão global do evangelho, as agências missionárias se propõem a atuar como um braço do trabalho da igreja, em cooperação com membros de um mesmo Corpo, cujo cabeça é o Senhor Jesus Cristo. Ao unir esforços entre vocacionados, igrejas e agências para cumprir a tarefa urgente e inacabada da Grande Comissão, reconhecida como a missão primordial da Igreja, é possível alcançar resultados mais eficazes e abrangentes.

Portanto, é crucial coordenar esforços, estratégias e recursos disponíveis para compreender a realidade e superar os desafios da evangelização. Nesse contexto, as agências missionárias podem exercer sua natureza paraeclesiástica, fornecendo às igrejas recursos estratégicos para o cumprimento da Grande Comissão entre todos os povos e ao longo de todas as gerações. As agências se provam úteis quando mantêm-se íntegras quanto às Escrituras e à sua natureza de apoio à igreja em sua missão de proclamação até os confins da terra.

A missão da Igreja abrange a disseminação do Evangelho de Jesus em escala global, promovendo a formação de discípulos em todas as nações e congregando-os em comunidades locais para fortalecer o Corpo de Cristo. As agências missionárias, integrantes do Corpo de Cristo, desempenham um papel de apoio nessa missão, oferecendo expertise, estratégias e recursos valiosos para impulsionar a obra missionária, especialmente em áreas menos evangelizadas. Da mesma forma, as agências não devem substituir o papel da igreja nesse mandato missionário. A igreja é essencial para a obra missionária, enquanto as agências são facilitadoras e catalisadoras deste trabalho; ambas as estruturas devem colaborar harmoniosamente para cumprir a Grande Comissão em seu contexto contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, Roland. *Missionary Methods: St. Pauls out Ours?*. Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1962.
- BARCLAY, William. *New Testament Words*. London: SCM Press Ltd, 1964.
- BAVINCK, J. H. *An Introduction to the Science of Missions*. New Jersey: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1960.
- BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. 4ª Ed. Revisada. Edição de Kindle. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- CHUNG, Chun Kwang. *Missão primordial: os fundamentos da missão em Gênesis 1-11*. São Paulo: Missiológica, 2019.
- CLOWNEY, Edmund P. *A Igreja*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- _____. *The Biblical Theology of the Church*. In: *The Church in the Bible and the World: an international study*, edited by D.A. CARSON. Exeter, UK: Paternoster Press, 1987.
- DEYOUNG, K.; GILBERT, G. *Qual a missão da igreja?*. São José dos Campos: Fiel, 2012.
- DEYOUNG, Kevin; KLUCK, Ted. *Por que amamos a Igreja*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.
- FIEDLER, Klaus. *The Story of Faith Missions: from Hudson Taylor to present day Africa*. Oxford: Regnum Books International, 1994.
- HESSELGRAVE, David. J. *Plantar Igrejas, um guia para missões nacionais e transculturais*. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- HORTON, Michael S. *A Grande Comissão, a recuperação da estratégia divina para a gloriosa arte de fazer discípulos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.
- LIDORIO, Ronaldo. *Missões o desafio continua*. Belo Horizonte: Betânia, 2003.
- _____. *Teologia, piedade e missão: a influência de Gisbertus Voetius na missiologia e no plantio de igrejas* [livro eletrônico]. São Paulo: Hebrom, 2021.
- NEILL, Stephen. *A History of Christian Missions*. London: Penguin Books, 1990.
- JOHNSTONE, Patrick. *O futuro da Igreja Global*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.
- PIPER, John. *Alegrem-se os Povos: a supremacia de Deus nas Missões*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p.166.
- SCHNABEL, Eckhard. *Early Christian Mission*. Vol. 2: Paul and the Early Church. Downers Grove: IVP; Leicester: Apollos, 2004.
- WHITE, Jerry E. *The Church and the Parachurch: An Uneasy Marriage*. Portland: Multnomah Press, 1983.

Artigos

ARTHUR, Eddy. *The Future of Mission Agencies*. Mission Round Table, 2017, 12 (1), p. 4-12.

BEEKE, Joel e JONES, Mark. *Teologia Puritana: Doutrina para a Vida*. Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2016, cap. 47, p. 1073-1085.

CAMP, Bruce K. *Theological Examination of the Two-Structure Theory*. In: *Missiology: An International Review*, Vol XXIII, No. 2, April 1995, p.198-209.

FERDINANDO, Keith. *Missão: um problema de definição*. In: *Fides Reformata XXVIII*, Nº 1 (2023): 33-52.

GRAEBIN, João Eder. *O Plantio de Igrejas no Contexto da Missão*. In: *Fides Reformata XXVIII*, Nº 1 (2023): 73-88.

HAYKIN, Michael A. G.; ROBINSON JR., Jeffrey. *O Legado Missionário de Calvino*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

JONGENEEL, J.A.B. “*The Missiology of Gisbertus Voetius: The First Comprehensive Protestant Theology of Missions*.” In *Calvin Theological Journal* 26 no. 1 (1991): 47-79.

MEDEIROS, Elias. *The reformers and “missions”: Warneck, Latourette, Neill, Kane, Winter, and Tucker’s arguments – part 1*. In: *FIDES REFORMATATA XVIII*, Nº 1 (2013): 107-133.

_____. *Brazil*. In: MOREAU, A. Scott. *Evangelical Dictionary of World Mission*. Baker Books e Paternoster: Cumbria, 2000, p. 142-143.

SILVA, Cácio. *Força Missionária Transcultural da IPB: Breve Análise Quantitativa e Qualitativa*. Relatório interno da APMT, 2022. Acesso em: 9 mar. 2024.

_____. *Planejamento Estratégico Global da APMT 2023-2033*. In: *Revista Alcance*, Vol. XX, No.90 / 4º Trim 2023, Órgão informativo da APMT, p. 110-11. Acesso em: 9 mar. 2024.

SIMMONS, Scott. *João Calvino e Missões: um Estudo Histórico*. Disponível em: <https://www.monergismo.com/textos/jcalvino/calvino_missoes_scott.htm>. Acessado em: 30 set. 2023.

RESANE, K.T. *The Church and the Parachurch: Can the two dialogue in order to agree?*. In: *Verbum et Ecclesia* 41(1), a.2099, 2020.

WINTER, Ralph D. *The Two Structures of God’s Redemptive Mission*. In: *Perspectives on the Word Christian Movements*. William Carey Library Publishers, 2004, 3rd ed. p-220-230.

Blogs

9 MARKS. STILES, J. Mack. *Nine Marks of a Healthy Parachurch Ministry*. 2011. Disponível em: <<https://www.9marks.org/article/journalnine-marks-healthy-parachurch-ministry/>>. Acesso em: 9 mar. 2024.

_____. TRUEEMAN, Carl. *How Parachurch Ministries go off the rails?*. 2011. Disponível em: <www.9marks.org/article/journalhow-parachurch-ministries-go-rails/>. Acesso em: 9 mar. 2024.

AMTB. *Relatório Anual AMTB 2023*. Disponível em: <<https://amtb.org.br>>. Acessado: 10 abr. 2023.

_____. *Dicionário de terminologias da AMTB*. 2018, p. 3. Disponível em: <https://www.amtb.org.br/wp-content/uploads/2018/07/amtb_terminologias.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2024

APMT. *Dados estatísticos da APMT, dez. 2023*. Disponível em: <apmt.org.br>. Acesso em: 9 mar. 2024. APMT. *Filosofia de Missões da IPB*. Disponível em: <<https://apmt.org.br/filosofia-de-missoes/>>. Acesso em: 9 mar. 2024.

_____. *História*. Disponível em: <<https://apmt.org.br/historia>>. Acesso em: 9 mar. 2024.

CHUNG, Chun K. *História das Missões Reformadas: Missões Presbiterianas Escocesa*. AULA. Mestrado em Teologia Pastoral com ênfase em Missões do Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ): São Paulo, set, 2023.

EXECUTIVA IPB. *Relatório Executivo SC-IPB, 2021*. Disponível em: <<https://www.executivaipb.com.br/estatisticas/>>. Acesso em: 9 mar. 2024.

OMF INTERNATIONAL. *Our Story*. Disponível em: <<https://omf.org/about-us/our-story/>> Acesso em: 14 abr. 2024.